

Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068

REVISTA

conexão

Literatura

Setembro / 2019

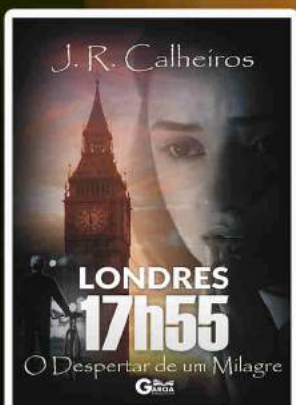
nº 51

www.revistaconexaoliteratura.com.br



DICAS DE LIVROS,
ENTREVISTA COM
ESCRITORES,
CONTOS, CRÔNI-
CAS E MUITO MAIS

LEITURA PARA TODOS



SAIBA TUDO SOBRE O LIVRO LONDRES
17H55 - O DESPERTAR DE UM MILAGRE
DO AUTOR J. R. CALHEIROS - PÁG. 05

**FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES**



SUMÁRIO

SETEMBRO DE 2019

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Lançamento do livro "Londres 17h55", de J. R. Calheiros, pág. 05
Entrevista com J. R. Calheiros, pág. 07
Artigo científico: "Educação escolar inclusiva e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no Brasil do século XXI: algumas aproximações especiais", por Marcos Pereira dos Santos e Maria Perpétua Clemente, pág. 12
Dicas de livros: págs. 20 e 21
Poema "Aokigahara", por Roberto Schima, pág. 23
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 24
Poemas "Olinda", "Fênix", "Despedida" e "Avenida Paulista", por idianara Lira Navarro, págs. 25 a 28
Entrevista com a escritora Luiza Moura, pág. 29
Entrevista com Lívio Meireles Capeleto, pág. 33
Entrevista com a escritora Manuela Marques Tchoe, pág. 37
Conto: "O menino e a arraia", por Roberto Schima, pág. 41
Conto: "Mundo Hostil", por Míriam Santiago, pág. 44
Conto: "Eis a Sombra", por Roberto Schima, pág. 48
Conto: "Delírios do Desejo", por Gerson Avillez, pág. 52
Conto: "Estilhaços", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 58
Conto: "Caçada no Planeta Duplo", por Roberto Schima, pág. 61
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 97

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Maria Perpétua Clemente - Gilmar Duarte Rocha - Luiza Moura - Casa Projetos Editoriais - Gerson Avillez - Manuela Marques Tchoe - Dirma Fontanezzi - Idianara Lira Navarro - Sandra Boveto - Mayanna Velame

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



EDITORIAL

Setembro chegou com mais uma novíssima edição da Revista Conexão Literatura, com dicas de livros, entrevistas com escritores, contos e muito mais.

A nossa luta em prol do incentivo à leitura continua e deve continuar. Nossas edições são gratuitas para os leitores, mas para continuar com esse trabalho precisamos do seu apoio.

Veja como apoiar as nossas edições, acesse: apoia.se/conexaoliteratura

Leia, comente e compartilhe a nossa edição com os seus amigos ;)

Tenha uma ótima leitura!

Visite o nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

**VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL**

**FANPAGE: + DE 77 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com

LANÇAMENTO DO LIVRO DE ESTREIA DE J. R. CALHEIROS NO TEATRO MUNICIPAL DE CAIEIRAS SUPERA AS EXPECTATIVAS E SURPREENDE O PÚBLICO



O autor J. R. Calheiros no centro da imagem - Foto: Andressa Fernandes

Lançamento

No dia 02 de agosto, aconteceu o coquetel de lançamento e noite de autógrafos do livro *Londres 17h55 - O Despertar de um Milagre*. O evento foi realizado no Teatro Municipal de Caieiras Maestro Sérgio Valbusa e contou com cerca de 300 pessoas, dentre elas o prefeito Gersinho Romero e seu vice, Adriano Sopó, além dos vereadores caieirenses Birruga e Fabrício Calandrini, e também Pablo Cunha, vereador de Franco da Rocha. O livro de estreia do autor caieirense J. R. Calheiros é uma obra que nos leva a reflexão sobre espiritualidade e vida extraterrena.

A deslumbrante decoração do lançamento foi inspirada no cenário do livro que se passa na capital inglesa, fazendo com que todos que estavam presentes se sentissem também parte da história e trazendo ainda mais curiosidade àqueles que ainda não tiveram a oportunidade de ler o thriller, já aclamado pela crítica. Além da ambientação singular, foram servidos petiscos e bebidas ao som de músicas ao vivo de bandas e cantores britânicos, proporcionando um ambiente divertido e descontraído.

Houve também uma surpresa no meio do evento: enquanto o autor tirava fotos e autografava exemplares, uma intervenção dramática com coreografia inspirada na história do livro aconteceu, realizada pela coreógrafa Gaby Marques e bailarinos do Espaço Releve de Artes e Desportos, com os dançarinos disfarçados entre o público, surpreendendo todos que estavam ali.



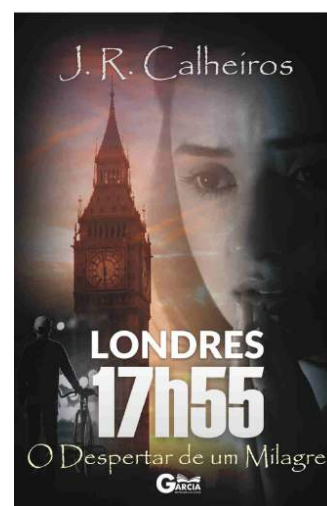
J. R. Calheiros – Foto: Andressa Fernandes

Para o escritor e anfitrião J.R Calheiros, o lançamento foi um sucesso: “Preparamos o evento com todo o cuidado e carinho para proporcionar aos nossos convidados uma noite única e cheia de surpresas, algo jamais visto em nossa região. Quero agradecer o apoio da Secretaria da Cultura caieirense por disponibilizar o Teatro Municipal e à todos os apoiadores envolvidos no lançamento, além da minha querida amiga Sandra Amaral, que conduziu a organização do evento, o qual será lembrado por todos os presentes

como o primeiro lançamento literário no Teatro Municipal de Caieiras” finalizou o autor.

Participaram dessa noite especial as empresas: GTM Cenografia, Buffet Mara, Batystaka Serviços de Segurança, Dennis DJ, Jardim do Bosque, Publicom Comunicação, Gaby Marques (Releve), Editora Garcia, Andressa Fernandes (fotografia), Tequila e Banda e Manto Produções, além da equipe de produção do evento.

Londres 17h55 - O Despertar de um Milagre já está à venda nas principais plataformas de e-commerce do Brasil, entre elas Submarino (<https://www.submarino.com.br>), Americanas (<https://www.americanas.com.br>), Shoptime (<https://www.shoptime.com.br>) além do site da Livraria Garcia (<http://www.livrariagarcia.com.br>).



ENTREVISTA COM

— J. R. CALHEIROS —

Ronaldo Calheiros (J. R. Calheiros) é jornalista e um grande fã e entusiasta de Ficção Científica. Desde criança nutriu um gosto pelo desconhecido, além de se interessar por ufologia e vida extraterrena. Durante sua juventude, escreveu inúmeros contos e narrativas, todos povoados por seres de outros planetas, guerras intergalácticas e mundos alternativos. Uma das suas maiores inspirações é a obra “Viagem ao Centro da Terra” de Júlio Verne, livro que leu e releu várias vezes. Entre suas principais referências encontra-se as obras dos autores de ficção Philip K. Dick, Issac Asimov, o próprio Julio Verne, além do Mestre do Terror Stephen King.



J. R. Calheiros - Foto divulgação

Por Ademir Pascale

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

J. R. Calheiros: Sempre fui um leitor ávido, me lembro de sempre estar lendo dois ou três livros ao mesmo tempo. Além de escritor também sou jornalista e normalmente tenho que ler e escrever muito e isso me ajudou na concepção do meu primeiro livro. Outro fator, está bastante relacionado a meu pai, pois minhas primeiras memórias literárias, por assim dizer, me remetem a minha infância, quando meu pai lia muita “Literatura de Cordel” para mim e meus irmão, todas aquelas histórias fantásticas faziam meu imaginário viajar.

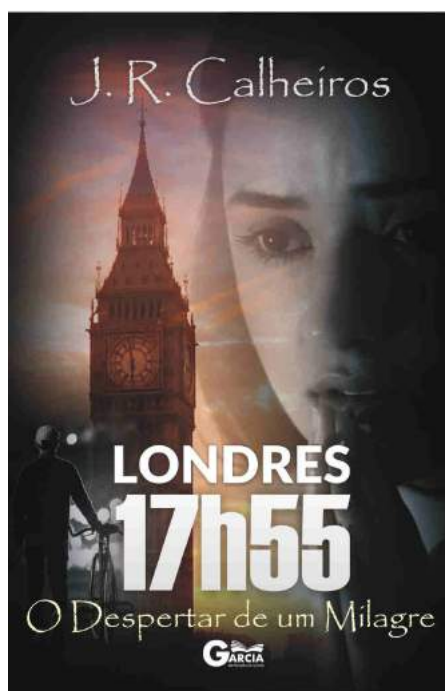
Conexão Literatura: Você é autor do livro “Londres 17h55 - O Despertar de um Milagre”. Poderia comentar?

J. R. Calheiros: Sim, esse é meu livro de estreia. Acho que todo escritor tem um carinho maior com o seu primeiro livro e acredito que será assim com Londres 17h55 – O Despertar de um Milagre”. O livro fala sobre, fé, superação, milagre e vida extraterrena, e apesar de se passar em Londres, que eu considero a capital mundial do mistério, tem toda uma brasilidade, pois dois dos principais personagens são brasileiros que estão em solo

londrino e sem saber, estão envolvidos em uma trama cheia de suspense, sempre norteadas por um indivíduo misterioso e de origem bastante peculiar, o qual acompanha a família por décadas. O livro, nos abre inúmeros questionamentos sobre religiosidade e fé, e ainda nos faz refletir a respeito de que abriríamos mão na busca por um milagre, além de colocar em xeque a máxima de que estaríamos sozinhos no universo.

Conexão Literatura:

Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?



J. R. Calheiros: Por se passar em Londres, tive que me aprofundar na cultura e também como os imigrantes vivem, em especial, como os brasileiros se relacionam e como convivem com a população local. Para mim, Londres é a Capital do Mundo, onde no mesmo metro quadrado, você encontra pessoas de várias etnias e isso é bem evidenciado no livro. A cidade é instigante, histórica e ainda guarda

muito do conservadorismo e arquitetura do começo do século. Li muito sobre a cidade, sobre seu sistema de transporte e infraestrutura urbana, inclusive algo bastante peculiar passou a acontecer comigo, pois como fiz muitas pesquisas através de meu notebook, o google e todas as ferramentas de buscas, começaram a me sugerir promoções e todo o tipo de publicidade como se eu estivesse morando realmente em Londres, isso foi muito engraçado. Também tive que me aprofundar em temas relacionados a Ufologia, que é algo que gosto muito, sempre fui fã de histórias do gênero e consegui inserir essa temática no meu livro de estreia. Desde a concepção da história, até as pesquisas, definição dos perfis de cada personagens e passagens de tempo, foram praticamente seis meses, período esse que também fiquei sem assistir filmes, séries ou ler outros livros, tudo isso para não “contaminar” minha história.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

J. R. Calheiros: Creio que meu livro tenha ótimos momentos, tenho conversado através das redes sociais com leitores que adquiriram o livro e vários deles tem me relatado que ficaram praticamente “presos” a história, lendo os 17 capítulos numa “tacada” só. Acho que escolher um trecho é bem difícil, mas na minha opinião

um dos momentos marcantes é o capítulo 8, que denominei como “Viagem sem fim”. Nesse momento da história, uma das personagens principais segue rumo ao “Monte Roraima”, isso mesmo, saímos de toda a agitação da icônica Londres e seguimos para um dos locais mais misteriosos do planeta, o qual inspirou a obra “O Mundo Perdido” do autor Arthur Conan Doyle. Neste capítulo, além de relatar toda a expedição e seu verdadeiro viés, o destino de uma das personagens é selado de forma muito misteriosa e enigmática. Difícil falar sobre um trecho sem dar “spoiler”, mas acredito que esse capítulo é um dos pontos altos do livro.

Conexão Literatura: Qual a dica que pode dar a um escritor iniciante?

J. R. Calheiros: Ainda não me sinto à vontade para dar dicas para quem deseja iniciar no mundo literário, mas acredito que alguns pontos, que inclusive utilizei para a criação do meu primeiro livro, são importantes para quem deseja



escrever. Primeiramente seja um bom leitor, a leitura irá te enriquecer de cultura, além de abrir seus pensamentos para um mundo de possibilidades que só são possíveis no imaginário do autor. Outro ponto que considero importante é se inspirar em outros autores, lógico que não vale cópia ou plágio, mas se espelhar em quem já trilhou esse caminho e obteve êxito é muito importante. Lógico que o caminho que cada autor irá seguir é único, mas acredito que se você tem alguém em quem se inspirar pode te ajudar a alcançar seus objetivos. Por fim, escreva sobre aquilo que você gosta, sempre vai ter alguém que vai te falar para escrever sobre isso ou aquilo, fuja dos modismos e coloque no papel aquilo que te inspira, é claro que escrever um livro não é algo tão fácil, mas acredito que isso lhe dará segurança para escrever e entregar para os leitores uma ótima história. Assim como já disse Mário Quintana, “Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

J. R. Calheiros: Temos uma página de divulgação do livro no facebook, “Londres17h55”, onde é possível acompanhar postagens sobre o livro, assistir ao trailer book, acompanhar as críticas de quem já leu a história e interagir comigo. O livro está disponível nas principais plataformas de e-commerce do Brasil, entre elas,

submarino, americanas.com, shoptime, mercadolibre e em breve também estará disponível na amazon.com.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

J. R. Calheiros: Sim, a cabeça de um escritor não pára nunca. Agora estou trabalhando na continuação do meu primeiro livro. Por questões relacionadas com o mercado literário, dividi a história em três volumes.

Lancei a primeira parte da história no último dia 2 de agosto em uma linda festa no Teatro Municipal da minha cidade, Caieiras. A Segunda parte pretendo lançar até o final de 2019.

Já a terceira e encerramento dessa “saga”, acredito que até meados de junho de 2020 já esteja disponível. Após o término dessa história, tenho outras que irei avaliar e julgar qual o melhor projeto que irei colocar em pauta, mas digo uma coisa, ideias não faltam.

Perguntas rápidas:

Um livro: Viagem ao Centro da Terra

Um autor: Júlio Verne

Um ator ou atriz: David Bowie

Um filme: O Homem que caiu na terra

Um dia especial: Lançamento do meu primeiro livro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

J. R. Calheiros: Primeiramente quero agradecer o espaço nesta tão conceituada revista. Também quero agradecer a Editora Garcia, que acreditou em mim, acreditou na minha história e lançou meu primeiro livro, além de me dar todo o suporte, algo tão importante para escritores iniciantes que se aventuram nesse mundo fantástico da literatura. Infelizmente vivemos em um país, onde a cultura anda sendo deixada de lado e os livros estão perdendo a briga contra as traquitanas tecnológicas do novo milênio. As bibliotecas públicas estão sumindo gradativamente e apesar do governo isentar de alguns

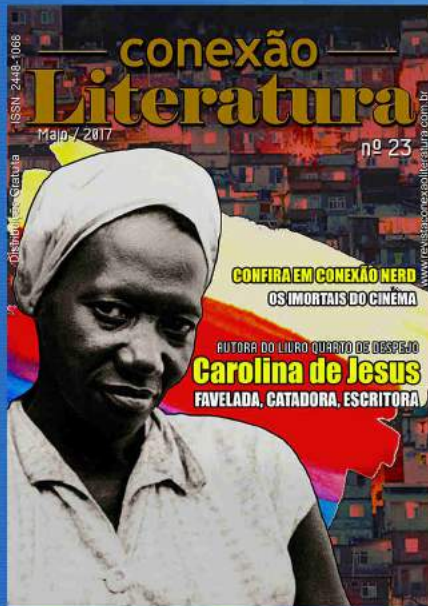
impostos as obras literárias, imprimir um livro no Brasil é muito caro.

Entretanto creio e espero que surjam políticas públicas de apoio e fomento à literatura, bem como aos novos escritores, uma vez que a literatura tem por excelência atuar diretamente na educação e formação cultural de um povo. “Ler é criar consciência do que somos, é examinar o mundo em que vivemos para transformá-lo no mundo em que gostaríamos de viver”.



Para adquirir o livro Londres 17h55 - O Despertar de um milagre, acesse: <https://www.submarino.com.br> - <https://www.americanas.com.br>
<https://www.shoptime.com.br> - <http://www.livrariagarcia.com.br>

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



Educação escolar inclusiva e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no Brasil do século XXI: algumas aproximações especiais

Artigo Científico

por **Maria Perpétua Clemente e
Marcos Pereira dos Santos**

Educação e inclusão escolar: duas faces da mesma moeda!?

Com base nesta assertiva, proposital e concomitantemente de viés exclamativo (interjeição) e indagativo, somos levados a destacar, *a priori*, que este (breve) artigo acadêmico-científico, de abordagem qualitativa de pesquisa, tem como principal objetivo trazer a lume apontamentos crítico-reflexivos atinentes a algumas aproximações especiais existentes entre a Educação Escolar Inclusiva (EEI) e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no Brasil contemporâneo, tendo como aportes teóricos basilares estudos científicos desenvolvidos por diversos(as) pesquisadores(as) e educadores(as) de renome e significativo prestígio nacional e internacional.

É fato que na atual conjuntura socioeconômica e política brasileira se faz notória a ocorrência de discursos, debates e análises críticas e reflexivas acerca da Educação Inclusiva Escolar, especificamente no que tange às políticas públicas sociais de ações afirmativas para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs) – deficientes físicos, visuais, auditivos, autistas, dentre outros – no âmbito das escolas de Educação Básica, englobando desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (BRASIL, 1996), e do Ensino Superior em geral (cursos de graduação e de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*).

Mas, o que a vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei federal nº 9.394, sancionada pelo Congresso Nacional brasileiro em 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), apregoa sobre a *Educação Inclusiva* (também chamada até meados da década de 1990 de *Educação Especial*) em termos de definição conceitual e desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem no Brasil?

Art. 58 – Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º - Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado na escola regular para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º - O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º - A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa de zero a seis anos, durante a educação infantil. (BRASIL, 1996)

Nesse contexto, as escolas e as universidades brasileiras, públicas e particulares, vêm buscando realizar, por exemplo, a inclusão de alunos que apresentam deficiência auditiva (surdez – nas modalidades leve, moderada ou grave) em salas de aula regulares, onde os mesmos podem e devem manter contato direto com professores e alunos ouvintes e não ouvintes, bem como com o profissional tradutor e intérprete da Língua de Sinais (TILS); o qual é, segundo Lacerda (2014), responsável pelo intermédio da comunicação entre alunos surdos e ouvintes por meio do uso correto, adequado, eficaz e eficiente da denominada Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que:

Em linhas gerais, é a **língua oficial da comunidade surda brasileira**, sendo o principal meio de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. **A LIBRAS possui uma estrutura linguística diversa, visuoespacial, com sintaxe, morfologia e fonologia próprias**, de modo que a comunicação em LIBRAS se dá a partir dos movimentos das mãos, gesticulação do corpo e expressões faciais. (LACERDA; SANTOS, 2013, p.28; destaques nossos)

Ao ser efetivamente sancionada, no Brasil, a Lei federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, oficializa-se a LIBRAS como sendo a língua materna das pessoas com deficiência auditiva (BRASIL, 2002), o que acarreta um significativo avanço na educação escolar dos alunos surdos por meio da inclusão dos mesmos em salas de aulas regulares e

da oferta da LIBRAS e de apoio educacional especializado (AEE) do tradutor e intérprete da Língua de Sinais na comunicação entre educandos surdos e ouvintes.

A escola e a universidade, em todas as suas facetas e instâncias colegiadas, têm, ambas, um papel fundamental diante desse alunado, pois se configuram primordialmente como instituições socioeducativas formadoras e transformadoras da realidade objetiva existencial concreta.

Dizemos isto, porque, segundo Mori e Sander (2015), a história da educação de surdos no Brasil é bastante conturbada desde o seu início na época do Império (1822-1888) até os dias de hoje, devido à discriminação, aos preconceitos e às diversas formas de tratamento aversivo, repulsivo, violento, antiético e amoral em relação às pessoas com deficiência auditiva.

Durante muito tempo, a identidade, a cultura e a língua natural dos surdos foram rejeitadas pela sociedade ouvinte. Com o passar das décadas históricas, discussões acirradas concernentes à educação de surdos começaram a ser efetuadas em nível nacional e internacional, mudando as concepções existentes sobre esses sujeitos sociais, que passaram a ser vistos – ao menos em termos teóricos (!?) – como cidadãos possuidores de direitos e deveres iguais perante a sociedade civil organizada (sociedade de classes sociais antagônicas – burguesia/elite dominante *versus* proletariado); porém ainda com alguns resquícios de uma visão (des)velada de exclusão, preconceito e discriminação social.

A LIBRAS é a língua materna e oficial de comunicação da comunidade surda no Brasil, não substituindo, porém, a Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Portanto, a LIBRAS precisa ser ainda amplamente difundida, conhecida, estudada, pesquisada cientificamente, aperfeiçoada e implementada em todos os espaços e setores da sociedade globalizada do novo milênio.

A Lei federal nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, em seu Artigo 18, dispõe sobre as normas e os critérios básicos de promoção e acessibilidade às pessoas com necessidades educacionais especiais, apregoando o seguinte:

Art. 18 – O Poder Público implementará a formação de **profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes**, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação. (BRASIL, 2000; grifos nossos)

Convém salientar que o Artigo legislativo supracitado traz em seu *corpus* textual a expressão *linguagem de sinais*, referindo-se, em particular, à Língua de Sinais, ou seja, à LIBRAS (no caso específico do Brasil, haja vista que em outros países a terminologia e sigla/nomenclatura são diferentes).

Faz-se extremamente necessário destacar tal abordagem jurídica, uma vez que, de acordo com Faraco e Moura (1993), *linguagem* é toda expressão do pensamento através de sinais para que se possa obter a comunicação, como é o caso da linguagem falada/oral/verbal (que se utiliza de palavras), da linguagem não verbal (gestos/gesticulações, expressões fisionômicas, imagens, símbolos, desenhos, figuras,

sinais visuais, dentre outros) e da linguagem mista (histórias em quadrinhos (HQ), cinema, televisão, vídeo, etc., que faz uso de imagens e sons); ao passo que a *língua* refere-se a um conjunto de palavras, utilizadas por um determinado povo para o exercício de sua comunicação, onde existem as regras combinatórias gramaticais, a sintaxe, a semântica, a morfologia, a fonologia e demais elementos linguísticos.

Desse modo, não podemos nos referir à LIBRAS como *linguagem*, pois ela é uma **língua**, onde possui todas as regras gramaticais (socio)linguísticas presentes em qualquer outro idioma. Portanto, fiquemos bastante atentos a isto!

Fazendo nossas as sábias palavras de Sampaio (2012, p.24), torna-se mister chamar a atenção para o fato de que a Educação Inclusiva Escolar “[...] não consista apenas na permanência física/presencial de alunos surdos junto aos demais educandos ouvintes, mas represente, outrossim, a ousadia de rever concepções e paradigmas educacionais”, desenvolvendo todo o potencial intelectual/cognitivo, imagético, inventivo e criativo desses alunos, respeitando as suas diferenças pessoais (fisiologia, ideologias, credo religioso, *status* social, filosofia de vida, etc.) e atendendo às suas reais necessidades, urgências e prioridades; pois a Educação Inclusiva não se baseia na simples *integração* desses educandos nas salas de aula regulares, mas na **inclusão** propriamente dita, onde os alunos possam de maneira ativa e efetiva estar interagindo com os(as) colegas e professores(as) na escola, desenvolvendo assim todas as suas competências, habilidades e capacidades físicas, sociais, intelectuais, éticas, morais, afetivas, emocionais, cognitivas e psicomotoras.

Sendo assim, o termo *inclusão* deve ser entendido como:

[...] representando um **avanço ao movimento de integração escolar**, que pressuponha o **ajustamento da pessoa com deficiência para sua participação no processo educativo desenvolvido nas escolas regulares comuns**. A inclusão postula uma reestruturação do sistema educacional, ou seja, uma mudança estrutural no ensino regular, cujo objetivo é fazer com que a **escola se torne inclusiva**, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais; baseando-se no princípio de que **a diversidade deve não só ser aceita como desejada**. [...] **A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas. Não é fácil e imediata a adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula**. Para que essa escola possa se concretizar, é patente a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão. (SAMPAIO, 2012, p.37; realces nossos)

Em outros termos, isto significa dizer que as escolas de Educação Básica, as faculdades e as universidades brasileiras em geral devem estar dispostas a se aperfeiçoar em favor de todos os alunos, principalmente os com necessidades educacionais especiais (surdos, autistas, deficientes visuais, deficientes físicos, hiperativos, disléxicos, disgráficos, discalculicos, acalculicos, *déficit* de atenção, Síndrome de Down, altas habilidades/superdotação, deficiências múltiplas, etc.), desde a Educação Infantil até o Ensino Superior; conforme apregoam as atuais políticas públicas educacionais.

Desse modo, é preciso garantir que os alunos surdos (natos e naturalizados), em especial, tenham desde cedo o suporte/apoio educacional necessário para que possam superar os muitos obstáculos que, inevitavelmente, surgirão durante o seu processo educativo escolar e, assim, poderem usufruir de forma igualitária de seus direitos e deveres (individuais, coletivos, sociais fundamentais, civis, políticos, etc.), os quais são assistidos, de modo específico, pelos Artigos 5º; 6º; 7º; 8º; 9º; 10º; 11º e 14º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988), que está atualmente em vigor.

É, pois, um grande desafio a ser enfrentado! Contudo, faz-se importante frisar que as instituições escolares têm papel imprescindível na sociedade de classes. Mesmo com as condições adversas do atual contexto econômico-político instaurado no Brasil (crise política/recessão econômica), elas possuem uma função específica que é de cunho socioeducativo (FELIZ; SANTOS, 2018), a qual precisa ser exercida de forma competente, possibilitando a apropriação, apreensão e expansão do saber/conhecimento cultural e científico por todos os cidadãos.

Outrossim, as escolas brasileiras, públicas e privadas, de educação inclusiva devem ter a visão esclarecedora e abrangente de que todos os alunos (cada qual com as suas particularidades) têm condições intelectuais/cognitivas de adquirir diversos conhecimentos e saberes científico-culturais e obter uma formação educacional holística, integral, integrada, integrante, integrativa e integradora, seja em tempo integral ou não integral (GADOTTI, 2009; ANTUNES; PADILHA, 2010); pois de acordo com Fernandes (2012), a escola não se torna inclusiva/includente ou democrática simplesmente porque amplia o acesso e a permanência dos estudantes a ela ou porque apenas matricula (obrigatoriamente, segundo determinação jurídica!) os alunos que apresentam os mais diversos tipos de deficiência em classes regulares comuns, mas porque acredita na capacidade deles e cria estratégias pedagógicas e didático-metodológicas para que os mesmos se desenvolvam em todos os seus aspectos (ético, moral, intelectual/cognitivo, psicológico, emocional, afetivo, motor, sensorial, etc.), a fim de que se sintam verdadeiramente sujeitos-cidadãos pertencentes a uma sociedade e a uma comunidade escolar inclusivas.

Diante do exposto, almejamos sinceramente que o presente artigo acadêmico-científico possa, de maneira direta ou indireta, sensibilizar as escolas brasileiras de Educação Básica e as instituições educacionais de Ensino Superior que atendem alunos com necessidades educacionais especiais, sobretudo os deficientes auditivos, para que possam mobilizar de modo eficaz e eficiente os(as) pedagogos(as), psicopedagogos(as), neuropsicopedagogos(as), coordenadores(as) pedagógicos(as), gestores(as) escolares, educadores(as) e professores(as) que trabalham com alunos surdos em salas de aula

regulares a promoverem acessibilidade de comunicação, utilizarem técnicas/metodologias de ensino-aprendizagem inovadoras e adequadas para a formação integral de educandos com deficiência auditiva e que, de fato e de verdade, seja alcançada, no Brasil dos dias de hoje e das gerações vindouras, a tão almejada **inclusão escolar** pelos governantes, pelas políticas públicas educacionais, pelos agentes escolares e pelos profissionais/trabalhadores da educação em sentido amplo.

Consoante a isto, não é por acaso que a atual LDBEN/1996 estabelece que:

Art. 59 – Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental em virtude de suas deficiências e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.
(BRASIL, 1996)

Afinal de contas, a EDUCAÇÃO ESCOLAR INCLUSIVA, como modalidade de ensino, consiste em um processo polêmico, complexo, necessário e instigante que amplia a participação de toda a sociedade de classes e de todos os educandos sem fazer acepção de pessoas e/ou distinção de condições físicas, mentais, sociais, econômicas, culturais, de raça, etnia, cor ou credo religioso nos estabelecimentos (públicos e privados) de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação e ressignificação da *cultura na escola*, da *cultura escolar (cultura corporativa ou cultura organizacional)* e da *cultura da escola* (FORQUIN, 1993; MAFRA, 2003), da prática pedagógica docente e das políticas públicas sociais e educacionais vivenciadas nas instituições de ensino de Educação Básica e nas universidades no Brasil contemporâneo, de modo que estas possam responder positiva e satisfatoriamente à diversidade cultural ou hibridismo cultural (inter/pluri/multiculturalismo) e às reais necessidades dos alunos do século XXI.

Refletir, pois, sobre esta temática nos dias atuais é deveras necessário para a (re)construção de uma escola integral voltada para a real e efetiva inclusão de todos os alunos, e não para uma *inclusão excludente* ou uma *exclusão includente*, percebendo assim os educandos e(m) suas singularidades e particularidades, tendo como objetivos primazes o crescimento profissional, a satisfação pessoal e a inserção social de todos os aprendizes *na escola da vida e na vida na/da escola*; em conformidade com o que postulam militantemente Ceccon, Oliveira e Oliveira (1989).

Portanto: Nada de zero na vida e zero na escola! Ou: zero na vida e dez na escola! Ou ainda: zero na escola e dez na vida! (CARRAHER; CARRAHER; SCHLIEMANN, 1988). Ao contrário. É preciso ter dez na vida e dez na escola!!!

Análises crítico-reflexivas e práticas pedagógicas inclusivas/includentes: eis os verdadeiros caminhos para a efetivação de uma verdadeira **Educação Inclusiva Escolar!**

Quiça que isto se concretize realmente!!!

É o que todos nós desejamos.

Referências:

ANTUNES, Â.; PADILHA, P. R. **Educação cidadã, educação integral**: fundamentos e práticas. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. (Coleção Educação Cidadã – v.6).

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Diário Oficial da União, de 05/10/1988.

_____. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.

_____. **Lei federal nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Dispõe sobre as normas e os critérios básicos de promoção e acessibilidade às pessoas com necessidades educacionais especiais. Brasília: Diário Oficial da União, de 21/12/2000.

_____. **Lei federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Estabelece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como língua materna das pessoas com deficiência auditiva. Brasília: Diário Oficial da União, de 26/04/2002.

CARRAHER, T. N.; CARRAHER, D. W.; SCHLIEMANN, A. D. **Na vida dez, na escola zero**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D.; OLIVEIRA, R. D. **A vida na escola e a escola da vida**. 19.ed. Petrópolis: Vozes/IDAC, 1989.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e literatura**. 2º grau. v.1. 13.ed. São Paulo: Ática, 1993.

FELIZ, P. N.; SANTOS, M. P. Função socioeducativa da escola e suas relações com o contexto histórico da Grécia clássica. In: **Revista Científica Intellecto**. Venda Nova do Imigrante: Editora da FAVENI, v.3, n.1, p.56-68, jan./jun., 2018.

FERNANDES, S. **Educação de surdos**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2012.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. (Coleção Série Educação: Teoria & Crítica).

GADOTTI, M. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. (Coleção Educação Cidadã – v.4).

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo. E agora?: introdução à LIBRAS e educação de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de LIBRAS em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. 6.ed. Porto Alegre: Editora Medição, 2014.

MAFRA, L. A. A sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, p.109-136, 2003.

MORI, N. N. R.; SANDER, R. E. **História da educação dos surdos no Brasil**. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_04/94.pdf>. Acesso em: 05/12/2015.

SAMPAIO, M. J. A. **Um olhar sobre a efetivação das políticas públicas na educação de surdos: foco na produção textual**. João Pessoa, 2012. 165 f. *mimeo*. (Tese de Doutorado em Linguística – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba).

Maria Perpétua Clemente – Brasileira. Natural da cidade de Curitiba/PR, onde reside nos dias atuais. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo/SP. Pesquisadora da área educacional. Docente titular (aposentada) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) – Curitiba/PR. Professora adjunta (visitante) da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) – Curitiba/PR. *Endereço eletrônico*: mariapclemente@hotmail.com

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível (inter) nacional. Professor adjunto da Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ) – Ponta Grossa/PR. *Correio eletrônico*: mestrepedagogo@yahoo.com.br



Diamante Vermelho
Paulo Curi

Acesse



Águas que passam
Nilva Dematê Zolandek

Acesse



O Misterioso Jardim da Srta. Anne
Lucas de Sousa

Acesse



O Último Dia da Inocência
Edney Silvestre

Acesse



Superando o TDAH
Alex S. Rocha

Acesse



Encontro de Marés
Manuela Marques Tchoe

Acesse

*“Duvida da luz dos astros,
De que o sol tenha calor,
Duvida até da verdade,
Mas confia em meu amor.”
- William Shakespeare*

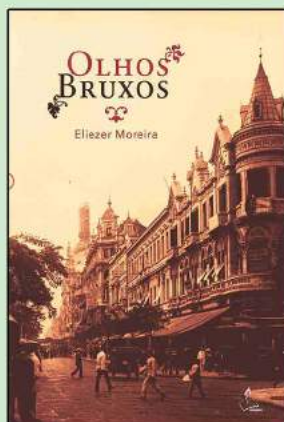
Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





A Filha do Reich
Paulo Stucchi

Acesse



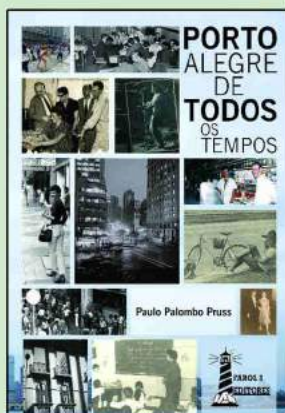
Olhos Bruxos
Eliezer Moreira

Acesse



Descristalizar
Silvane Hamill

Acesse



Porto Alegre de Todos os Tempos
Paulo Palombo Pruss

Acesse



50 Aventuras Imperdíveis pelo Brasil
Leo Hipertensão

Acesse



A Parte do Laço que Aperta
Ana Luiza Pereira de Freitas

Acesse

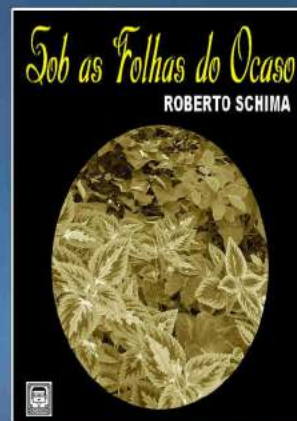
“Agora é hora de sair do vale escuro e desolado da segregação para o caminho iluminado da justiça racial.”
– Martin Luther King Jr

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES

AOKIGAHARA

POR ROBERTO SCHIMA

Nesse lugar,
o crepúsculo fez morada.
A umidade.
Das sombras, a densidade.
Raízes emaranhadas.
Sem pássaros,
Sem esquilos,
Sem insetos.
Inexprimível silêncio de almas,
para sempre, caladas.
Onde o vento não se faz ouvir.
Um lugar de se partir.
Odor penetrante,
musgo e líquens
a crescer
indiferentes,
inconscientes,
incoerentes.
Tristeza sem fim na floresta fechada.
Terreno tortuoso, amargurado, trinca-
do.
Árvores retorcidas lamentam suppor-
tar
o fardo de estranhos frutos a pesar.
Apesar... do pesar.
O pesar.
O lugar onde é fácil se perder,
mas alguns que nele adentram,
já chegaram sem rumo.
Sem prumo.
Em suas próprias sombras.
Em sua umidade,
Em seu silêncio,
Em sua densidade.
Ah, compaixão.
O lamento.
Um dia haverá de mudar a estação.
A primavera irá retornar
ao mar de árvores em tormento.
A luz presente a cintilar,
as flores reaparecerão,
animais a quietude romperão.
A fragrância indicará
o porto seguro da saída,
matizes em cores da vida.
O fim da solidão.
E, das lágrimas, a partida.
Almas falarão.

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hiro-saki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37. Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:
<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>
http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671
<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>
<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>
<https://www.agbook.com.br/authors/97551>
Contato: rschima@bol.com.br

conexão Literatura

Visite Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

Grupo no Face: Os Escritores

www.livreando.com.br

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultima pagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

Grupo no Face: Notícias Literárias

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



OLINDA

POR IDIANARA LIRA NAVARRO

**Em tuas ladeiras
e tuas cores,
encontrei várias maneiras
de morrer de amores.**

**A simplicidade de tua gente,
o artesanato e as tuas criações
são belezas que aos olhos não
mentem
e trazem quentura aos corações.**

**Debaixo de teu calor,
banhada em um sol ardente,
ainda é possível sentir o frescor
que sobre a vida se estende.**

**De ti trago o espírito cheio,
de cultura e de encanto,
me perdi em teu enleio
E quase esqueço que sou deste
canto.**

**Ficaram entranhados em minha
alma,
teus sotaques e tuas gentilezas
e me trouxeram uma calma,
que enxerga na vida apenas leveza.**

**Sim eu parti,
mas sou tua e és minha,
Olinda!**



FÊNIX

POR IDIANARA LIRA NAVARRO

**Dói-lhe a alma
Exausto está o coração
Mas é preciso ter calma
E modificar tudo através da razão**

**O corpo decadente
Por mudanças anseia
É quase um murmúrio na mente
Que apesar do medo, a ideia semeia**

**Pavor do passado, abandonar
Do presente, alterar
E no futuro não se encontrar**

**Mas entre o caos e o sofrimento, ela
renascerá...**

DESPEDIDA

POR IDIANARA LIRA NAVARRO

***Em memória de Ivan Navarro
Partiu discretamente:
em silêncio, sem alarde,
e dignamente
deixou nossas vidas para sempre.**

**Em seus últimos dias
era nítido que infelizmente,
a vida já lhe esvaía
e a consciência abandonara sua
mente.**

**Mas ficara até o fim
lúcido e mentalmente inabalável,
sua característica mais marcante
para mim
além de ser tão amável!**

**Viveu além da expectativa
que a doença lhe permitiu,
quase nunca reclamou, ou se amargu-
rou
e mesmo enfermo, várias pessoas
ajudou.**

**Admiráveis eram sua calma e seu
senso de humor
Trazia um sorriso quase sempre
parado no ar
E a alegria com que tentava nos
ajudar
Eram claras demonstrações de amor!**

**Teve inúmeros defeitos:
errou e pecou,
mas foram tantos bons feitos
que acredito que a vida, tudo lhe per-
doou.**

**Para mim ficará a profunda saudade
As lágrimas e a ausência constante
Foi cruel e revoltante, ver sua longev-
vidade
Transformada pelo câncer em um ins-
tante.**

**Adeus Sr. Ivan: palavras difíceis de
dizer,
saiba que foste um pai para mim
e a gratidão por tudo que fizeste é
sem fim
estará em meu coração enquanto eu
viver...**

AVENIDA PAULISTA

POR IDIANARA LIRA NAVARRO

Por muitos anos caminhei por tuas
calçadas,
tropecei em tuas esquinas,
corri por entre teus prédios
me perdi em teus quarteirões.

Já presenciaste meus sorrisos,
minhas lágrimas,
ansiedades, angústias,
e meus descontentamentos.

Contemplaste minhas vitórias,
alegrias, felicidades,
realizações e
minhas saudades.

Diante de ti, já sorri,
amei e odiei.
Tantas vezes sem conta,
que de todas não recordarei.

Agora que o momento de ausentar-
me
se apresenta.

Noto como foste importante.
E entristeço-me inutilmente.

Parece exagero, eu sei!
Mas contigo, tenho uma história,
por isso que dói a despedida
e é triste pensar na partida.

Porém, como tudo na vida são recor-
dações,
guardarei de ti até as ilusões!
E são inúmeras minha doce Av. Pau-
lista,
são tantas que não caberiam nem em
uma lista!

Mas, preservarei em meu coração,
apenas toda a admiração,
e o carinho que emana de ti.
Para que quando eu ande por tuas
calçadas novamente,
apenas me sinta em casa para
sempre.

Idianara Lira Navarro nasceu em Pernambuco no ano de 1983, porém mora em SP desde a infância. Sua paixão pelo universo dos livros, fez com que trabalhasse por quase cinco anos na Livraria Laselva. Em 2010, se licenciou em Letras/Inglês na UNISA/SP. No ano seguinte, criou o blog Encanto Literário, com o intuito de compartilhar seu amor pelos livros e divulgar textos de sua autoria. Em 2012 e 2013, atuando como secretária, revisou o Anuário Anepac. No período de junho de 2015 a novembro de 2016, foi escritora voluntária no site da rádio Educativa FM 105,9 (Piracicaba/SP). Em 2017 transformou seu blog em site e incluiu as categorias filmes e séries nos temas abordados. Ainda neste ano, colaborou com a revisão da Antologia Sonhos Literários, na qual também consta um poema de sua autoria e no período de julho de 2018 a maio de 2019, foi escritora voluntária no site da Revista Conexão Literatura.

ENTREVISTA COM — LUIZA MOURA —

Natural de Feira de Santana/BA, Enfermeira, Hipnoterapeuta e Psicanalista em Formação. Também Compositora e Produtora Fonográfica. Imortal da Academia de Letras do Brasil/Suíça. Chanceler Honorária da Sociedade Filosófica Ateniense na Cidade de Feira de Santana. Publicou pela editora Mente Aberta o livro *Bordejós Poéticos* em conjunto com outros escritores e participou também do Livro: *Antologia Poesia Agora*, editora Trevo, São Paulo e dos Livros “Amor é o que nos faz gigantes, do Concurso da Farmácia Pague Menos e, “Poesia Brasil 2019- Antologia Poética, Concurso Nacional Novos Poetas, Vivara Editora Nacional. Tem participações confirmadas em outras antologias. Instagram: @luiza.moura.ef.



Por Ademir Pascale

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Luiza Moura: Eu sempre gostei muito de ler. Lembro que quando era criança adorava ganhar livros como presentes, talvez até mais do que brinquedos. Já gostava muito de escrever também, entretanto nunca havia pensado em ser lida por outras pessoas. Somente no ano passado comecei a me aventurar na escrita de poesias e resolvi mostrar o resultado disso nas redes sociais. Comecei a receber um feedback positivo das pessoas que me acompanhavam, então comecei a enviar essas poesias para concursos e daí vieram publicações em livros, revistas e outros reconhecimentos bastante importantes e desde então estou escrevendo.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "A pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo". Poderia comentar?

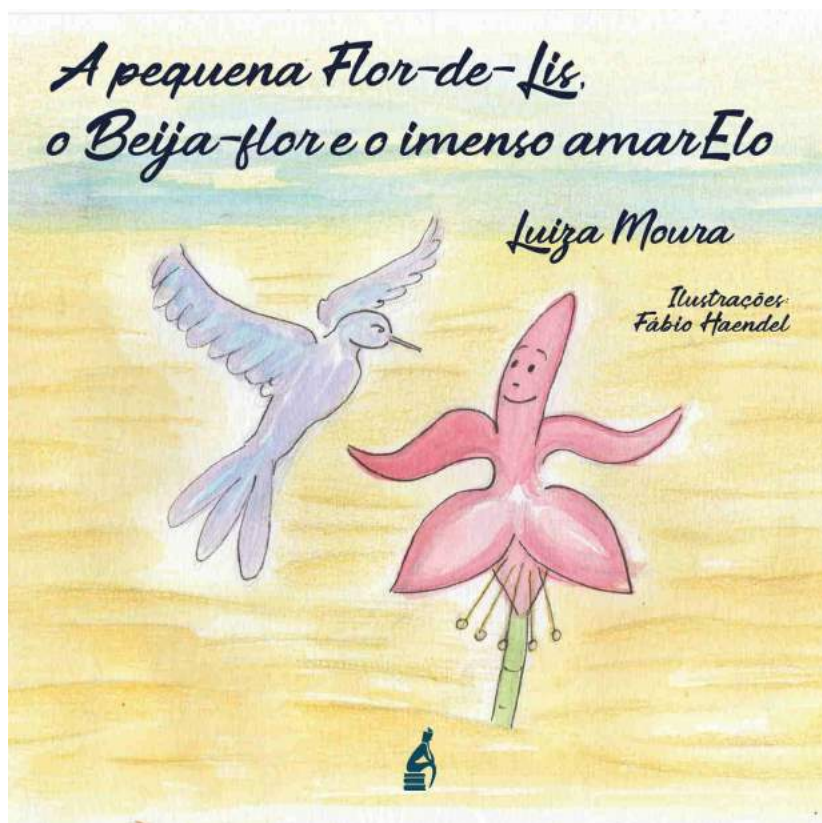
Luiza Moura: Sim. “A pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo” é o meu primeiro livro infantil, além de ser também o meu primeiro livro solo. Depois

de tantas antologias, finalmente surgiu esse livro, com bastante apoio da Cogito Editora de Salvador. Embora tenha sido feito para crianças, ele traz em seu enredo lições que podem interessar a todas as idades. Dentre elas, a mais importante e, que me permitiu “brincar” com as palavras: amar é elo- AmarElo.

Conexão Literatura:

Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Luiza Moura: Para ser bastante sincera, não



demorei muito para escrever esse livro. Essa “brincadeira” com o AmarElo surgiu na minha primeira poesia e desde então me encanta poder falar sobre algo que carrega tanto significado. A ideia de colocar isso também em um livro infantil aconteceu em casa depois de ter escrito um conto infantil para outra antologia e ter agradado tanto as minhas filhas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Luiza Moura: “(...) era isso que aquele imenso amarelo de areia dizia mesmo sem dizer: que o amar é elo, amarElo!”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Luiza Moura: Sobre o livro estará disponível na Livraria Leitura, Shopping Bela Vista em Salvador- Ba, em

algumas livrarias na cidade de Feira de Santana- Ba, em alguns outros locais que ainda não estão definidos e em diversas plataformas. Para acompanhar o meu trabalho e me conhecer um pouco mais convido inicialmente a conhecer a minha página no instagram: @luiza.moura.ef.

Conexão Literatura:

Existem novos projetos em pauta?

Luiza Moura: Tenho vários projetos em pauta. Desde que comecei a escrever não consigo mais parar. Esse universo é encantador.

Perguntas rápidas:

Um livro: O ser e o Nada de Jean-Paul Sartre

Um (a) autor (a): Clarice Lispector

Um ator ou atriz: Audrey Tautou

Um filme: “Antonia”, como era chamado na versão original

Holandesa, ou “A excêntrica família de

Antônia”, como foi traduzido no Brasil.

Um dia especial: O dia do meu aniversário. Acredito ser a vida realmente o nosso maior presente.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Luiza Moura: Apenas encerro agradecendo pela oportunidade de falar um pouco mais sobre esse trabalho

e convidando as pessoas a experimentar esse universo tão fascinante, não restrito apenas à literatura, mas à arte de forma geral.

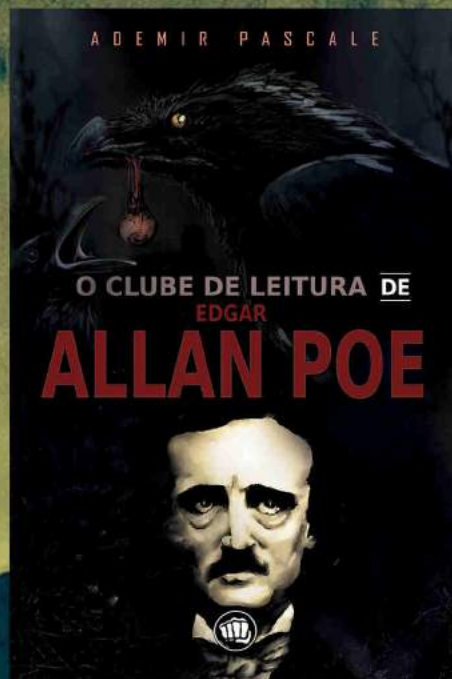


O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe

Ademir Pascale

Em meio a perseguições, em que a maneira de o autor descrever o clima psicológico que se abate sobre os personagens deixará o leitor sem fôlego.

- Sérgio Simka, doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP



www.selojovem.com.br
www.edgarallanpoe.com.br

ENTREVISTA COM

— LÍVIO MEIRELES CAPELETO —

A CASA Projetos Literários, a 1ª agência literária brasileira a atuar nas regiões Norte/Nordeste do Brasil e que agencia escritores de todo o país comemorou no mês de julho 5 anos de atuação no mercado editorial brasileiro. Lançada em 2014 por um jornalista que também é editor e empreendedor, a CASA Projetos Literários já organizou e negociou mais de 35 obras de 30 autores de todos os lugares do país. Neste ano a agência promete novidades e para sabermos sobre elas e como um agente literário trabalha em meio a uma grave crise do setor editorial nacional, conversamos com Lívio Meireles Capeleto, fundador e CEO da agência.



Por Ademir Pascale

Entrevista

Conexão Literatura: Olá Lívio. É um prazer conversar com você. Apresente um pouco da história da CASA Projetos Literários para nossos leitores.

Lívio Meireles: Sempre um prazer falar com você e seus leitores. A CASA começou há 5 anos em Recife/PE, onde eu residia. Através das minhas experiências anteriores como livreiro, gestor de comunicação e marketing de livraria, como editor e diretor executivo de uma editora entendi que o mercado editorial e literário das regiões Norte/Nordeste tinha potencial para um trabalho de orientação para autores e seus projetos.

Nos meus 17 anos de atuação no mercado editorial encontrei livros com conteúdo de qualidade que não tinham uma boa apresentação, não eram bem editados e não tinham um planejamento antes ou pós-lançamento. Além disso vários escritores não sabiam e ainda não sabem o que fazer para alcançar um público maior do que o da sua região. Entendi que poderia usar meus conhecimentos e em 2014 comecei a apresentar caminhos de como ser assertivo na empreitada de escrever e saber comunicar sua escrita. Começamos

atendendo os autores da região Norte/Nordeste e hoje representamos autores de todo o país.

Conexão Literatura: Nestes 5 anos o que foi mais desafiador para vocês como uma empresa inovadora no setor editorial?

Lívio Meireles: Agradeço o elogio a respeito da inovação. Realmente pensamos a agência diferente do modelo tradicional onde os escritórios de agenciamento têm um line-up com muitos escritores de vários seguimentos.

Trabalhamos com poucos autores e temos um serviço personalizado, criterioso e que acompanha o dia a dia dos nossos agenciados. Acredito que a maior barreira que enfrentamos no nosso dia a dia como empresa é fazer com que os escritores e escritoras brasileiros entendam as vantagens de ter uma agência para representá-los e ser seu backoffice em todas as demandas que ele terá ao se lançar no mercado editorial. Principalmente num país como o Brasil, onde temos dimensões continentais e preconceitos na mesma proporção. Muitos que escrevem e muitos que atuam no mercado editorial ainda pensam que o agente é dispensável no diálogo entre a editora e o escritor, o que na verdade sempre será o oposto: o agente suaviza e amplia as relações entre escritores e seus editores.

Conexão Literatura: E esse cenário já mudou?

Lívio Meireles: Ainda não. Estamos ainda bem no começo de uma mudança de cenário da profissionalização de escritores e escritoras no nosso país. Os autores ainda não compreendem que sem orientação, não conseguirão sozinhos romper a barreira do amadorismo e passarem para o próximo nível de profissionalização e reconhecimento de sua escrita abrindo portas para carreira literária de verdade. Essa mudança vêm atrelada a uma outra ainda muito maior que a dos autores do nosso país: a leitura precisa ser valorizada por todos. O brasileiro não lê e quando lê termina por não ter bons critérios de escolha. Se não temos uma valorização da leitura a maioria dos leitores não têm condições de analisar se um livro é melhor que o outro e isso nos leva a uma produção de literatura que não preza pela qualidade e sim pela quantidade. Conheço jovens autores que lançam vários livros por ano nas plataformas digitais. Essa corrida precisa realmente ser ganha nesta velocidade? Será que algo não está escapando aos olhos e a mente desses escritores? Todos que

trabalham na cadeia produtiva do livro precisam repensar esses paradigmas. Na minha opinião quando lemos mais e melhor temos mais condições de produzir uma literatura com mais qualidade e principalmente, uma literatura que permanece, uma literatura atemporal.

Conexão Literatura:

Como você, agente literário, têm acompanhado a chamada crise no mercado editorial brasileiro?

Lívio Meireles: Tenho lido, pesquisado números e conversado com várias pessoas para chegar ao meu posicionamento que compartilho agora com os seus leitores: Não existe de verdade uma grave crise no mercado editorial brasileiro. O que estamos vendo eu chamo muito mais de uma crise de Gestão de alguns players do setor. O planejamento deles foi construído com projeções erradas e

dentro de zona de conforto muito grande. Algumas editoras que vendiam apenas para essas livrarias e no mundo dos negócios você não pode colocar todos os ovos em uma mesma cesta. O resto você e seus leitores já sabem: livrarias fechadas, muita gente desempregada, editoras e autores sem receber e uma desconfiança generalizada que não ajuda em nada o mercado. Entendo que essa crise também passa por uma falta de planejamento das instituições sobre como ampliar o número de leitores no país. O livro não pode ser vendido como um produto descartável, sazonal, apenas por moda. Infelizmente pelo menos 50 por cento dos leitores brasileiros consomem uma literatura descartável, que não leva o leitor a refletir e a entender como o livro na verdade é uma ferramenta de conhecimento e não apenas um produto de lazer. O livro não foi feito para isso! Mas sou um otimista realista e tenho certeza que essa nuvem negra em breve vai passar.

Conexão Literatura: Durante esse período de 5 anos a frente da CASA Projetos Literários qual foi o momento mais emocionante para você e sua equipe?

Lívio Meireles: Na verdade temos sempre vários momentos emocionantes dentro da agência. Mas cada livro pronto de nossos autores agenciados é uma linda emoção. Porquê nos envolvemos desde o início com a chegada do original passando por todo o processo de edição, revisão, design até a aprovação do arquivo, busca e recebimento do livro pronto. E quando eles chegam sempre ficamos muito, muito felizes e emocionados.

Conexão Literatura: E quais as novidades para este aniversário de 5 nos da CASA que você apresentará para o público de escritores e o público leitor?

Lívio Meireles: Bem, sempre temos novidades na agência mas vou apresentar uma em primeira mão para

você e os leitores da Conexão Literatura. Ainda neste mês de Agosto vamos lançar o selo editorial NOVACASA em parceria com a Editora Madrepérola de Londrina/PR. Um selo voltado para romances, fantasia, aventura e ficção científica que rá editar apenas originais dos nossos autores agenciados num formato de edição premium com todos os livros no formato capa dura, projeto de ilustração personalizado, processo de revisão profissional e brindes exclusivos. Essa iniciativa demonstra o quanto a CASA Projetos Literários valoriza os autores que ela representa e que são, na sua maioria, autores iniciantes mas com grande potencial. Queremos que esses autores tenham um excelente cartão de visita para apresentar aos publishers das editoras. Sabemos o quanto os editores brasileiros procuram hoje autores

que já estão preparados para o mercado e a CASA Projetos Literários apresentará esses autores dessa maneira para o nosso mercado editorial.



Conexão Literatura: Excelente notícia. Uma verdadeira revolução no negócio de agenciamento no país não é mesmo?

Lívio Meireles: Sim! É uma ação inédita no nosso meio. Perdi as contas de quantos autores conversaram comigo e apresentaram seu 1º livro completamente constrangidos por terem embarcado em situações adversas tanto na autopublicação quanto em projetos editoriais muito diferentes do que eles tinham em mente. Creio que podemos falar que o selo NOVACASA é uma micro-revolução! Não queremos brigar com as grandes editoras e os players do mercado.

Nosso foco será entregar ao autor uma completa e excelente experiência no seu primeiro lançamento além de trazer orgulho e o reconhecimento do público leitor, dos seus pares e do mercado como um todo e assim abrir portas para uma carreira literária que já começa no rumo certo. Além disso todos os livros do selo NOVACASA terão sua versão em e-book distribuídos e comercializados nas principais lojas de livros digitais do país, o que trará uma expansão ainda maior da carreira e das obras dos autores que estarão conosco.

Conexão Literatura: Muito bom! Parabéns pela sua iniciativa e que vocês da CASA e agora do selo NOVACASA tenham muito sucesso!

Para finalizar algum conselho para os novos autores que vão ler essa entrevista?

Lívio Meireles:

Primeiro gostaria de agradecer o valoroso espaço que vocês sempre abrem para nós da CASA e para nossos autores agenciados. Longa vida para a Conexão Literatura. Para os autores eu deixo um pensamento que sempre coloco para os escritores que agencio:

Se você quer realmente e deseja ter o seu trabalho como escritor reconhecido trabalhe duro, todos os dias, lendo, relendo, trabalhando seu original, fazendo cursos presenciais e a distância, participando de eventos, conversando e principalmente, observando autores que já estão no mercado e que tenham boas práticas. Trabalhe focado, aprendendo e principalmente busque ideias originais. Não trabalhe uma história de Sci-fi ou um romance de época apenas porque está na moda! Trabalhe sempre com sinceridade e honestidade.

ENTREVISTA COM

— MANUELA MARQUES TCHOE —

Baiana de Salvador, Manuela Marques Tchoe é uma escritora que vive desde 2005 na Alemanha, onde trabalha como executiva de marketing. É autora de “Ventos Nômades”, uma coletânea de contos sobre experiências de viagem e a vida de imigrante, e “Encontro de Marés”, o seu primeiro romance. Suas inspirações para escrever vêm de sua experiência como imigrante e as viagens pelo mundo, além da vontade de abordar algumas questões sociais que a autora considera interessantes de serem discutidas.



Por Ademir Pascale

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Manuela Marques Tchoe: Sempre recebi elogios na escola sobre a minha escrita, e acredito que esse reconhecimento ficou dentro de mim desde cedo e me inspirou a escrever. Entretanto, eu imaginava trabalhar como jornalista, mas não sonhava exatamente escrever um livro.

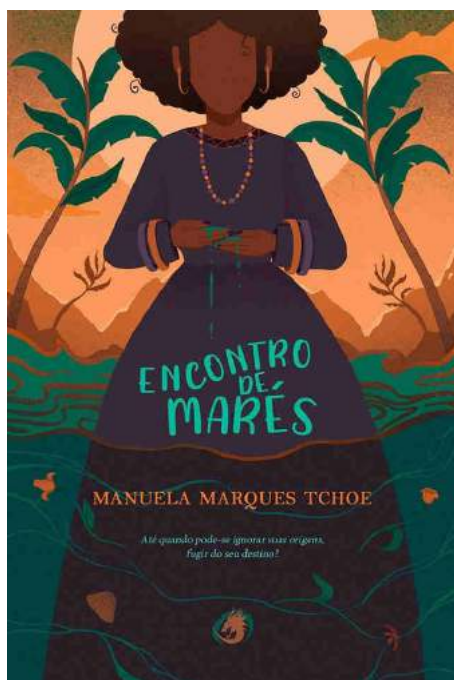
Cheguei a fazer faculdade de jornalismo por um ano, mas a experiência não havia “clicado” para mim na época. Deixei esse talento de lado por muitos anos, apesar de, como profissional de marketing, a escrita em geral ter sido parte da minha rotina.

Quando meu filho nasceu, eu acredito que finalmente vi que precisava seguir esse talento, que a vida é muito curta para se dedicar apenas ao trabalho. Essa foi uma longa jornada de descoberta e de reconhecer que não dava mais para deixar esse talento inexplorado.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Encontro de Marés” (Editora Pendragon). Poderia comentar?

Manuela Marques Tchoe: claro! “Encontro de Marés” é uma obra de ficção que fala de mãe e filha que se desencontram pela vida. É uma obra que aborda temas sociais controversos, como a prostituição infantil, mas também mostra o lado bonito e leve do Brasil. É um romance sobre destino, desencontros e decisões impossíveis. Deixo aqui a sinopse:

Na mística Salvador, Rosa cresce na casa de sua carinhosa avó Dalva, sem ideia das circunstâncias que a impediram de ter pai e mãe presentes em sua vida. Sua infância feliz é interrompida quando seu



pai reaparece e a rapta, transformando sua vida para sempre.

Tempos depois, Mariana aterrissa no Rio de Janeiro, amaldiçoando sua vinda para o país que um dia lhe deu as costas. Quando criança, ela fora abandonada por sua mãe num orfanato, sem nunca entender por que fora deixada para trás. Adotada por um casal de alemães, tudo o que Mariana mais

desejava era esquecer seus traumas e apagar traços de sua origem. Mas o horror de um tiroteio na favela da Rocinha desperta o seu desejo mais intrínseco: buscar respostas sobre o seu passado.

Com suas vidas entrelaçadas, Rosa e Mariana são confrontadas com decisões impossíveis e desencontros. E lutam contra o tempo – até seus caminhos se cruzarem novamente.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Manuela Marques Tchoe: apesar de ter lançado “Ventos Nômades” antes, “Encontro de Marés” foi o primeiro livro que eu comecei a escrever e eu demorei cinco anos para terminá-lo.

Como eu nunca escrevi um livro antes e também não fiz nenhum curso de escrita criativa, esse foi o meu “livro-escola”! Aprendi muito nesse processo, assim como pesquisei muito para esse livro, como a questão da prostituição infantil, assim como diversos outros temas que o livro aborda, como o candomblé.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Manuela Marques Tchoe: Deixo um trecho aqui que marca a aceitação de Mariana que ela precisa procurar por sua mãe após tantos anos, nem que seja para fechar esse capítulo de sua vida. Esse é um momento desencadeado por um tiroteio que a personagem presencia.

“Depois de muitas horas, o pânico de Mariana se transformou em algo diferente. Sentia um pesar terrível. De morrer, de ver mais inocentes mortos, de dilacerar o coração de seus pais. Foi para isso que eu vim para cá? Para morrer como mais uma vítima dessa guerra estúpida?, indagava ela aos céus. Seu olhar se voltou para as linhas da mão da menina ao seu lado, seu destino traçado na palma da mão. E ela? Parecia correr contra o seu destino, percorria o mundo para fugir, ocupava-se para não pensar. Mas nesse momento de desesperança, não mais conseguia bloquear o desejo latente, inconsciente, sempre lá, escondido em algum canto de si. Com certa resistência, Mariana reconheceu a inevitabilidade de tomar seu destino em mãos, ao invés de se distanciar. Não adiantava, pensou, poderia percorrer o mundo e se perder no

caminho, mas eventualmente reencontraria a direção certa.

Quero saber o que aconteceu, ela resolveu, e encontrar novamente minha mãe.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Manuela Marques Tchoe: Meus livros estão disponíveis como impresso no site da Editora PenDragon assim como na Amazon Brasil e outras livrarias virtuais como Submarino, Lojas Americanas, etc. O e-book está disponível em todas as plataformas digitais como Amazon, iBooks, Kobo, dentre outras.

Para quem está no exterior, o livro está como paperback na Amazon EUA, Alemanha, França, Reino Unido, dentre outros países.

Estou sempre aberta a conversar com leitores! Caso haja interesse é só me mandar um email para contato@baianadabaviera.com.br ou através das redes sociais.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Manuela Marques Tchoe: além da contínua promoção de “Ventos Nômades” e “Encontro de Marés”, tenho escrito crônicas para a série “Comida de Gringo” juntamente com a talentosa Ana Fonseca. Também estou escrevendo um novo romance, que dessa vez vai falar do Egito. Enquanto isso, eu continuo escrevendo para o meu blog Baiana da Baviera e para diversas outras revistas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Como Água Para Chocolate, Laura Esquivel
Um autor (a): Leticia Wierzchowski

Uma música: Chão de Giz

Amor é: a melhor versão do ser humano

Família é:

comprometimento

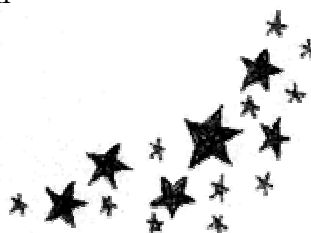
Uma frase: “Liberdade de voar num horizonte qualquer, liberdade de pousar onde o coração quiser” (Cecília Meirelles)

Um desejo: continuar escrevendo e viajando!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Manuela Marques Tchoe: agradeço à revista pela oportunidade! Aos leitores, é sempre um prazer dividir minhas histórias com vocês. Encontro de Marés é uma obra que tem muita história para contar – e espero que esse livro seja um bom companheiro de leitura!

Para quem estará na Bienal do Livro no Rio, meus livros estarão no estande da Editora PenDragon – espero a visita de vocês por lá!



Livro Destaque

Especialista em divulgação de
Livros e Autores

ACESSE
WWW.LIVRODESTAQUE.COM.BR



O MENINO E A ARRAIA

por Roberto Schima

Conto

Ele estava voando...
Dava voltas no céu
graciosamente, como o condor
que o garoto vira em um documentário
sobre os Andes.

Ele estava voando...

Pra lá e pra cá, de um lado para o
outro num balé colorido sobre um pano
de fundo do azul mais puro.

Ele estava voando...

Dir-se-ia que compartilhava com
os pássaros a visão de um mundo
pequeno, cheio de detalhes como as
pinturas dos renascentistas europeus.

“Eu sou arraia ou raia”, parecia
dizer, “ou seja lá que nome vocês

inventem. Eu sou a liberdade feita do
nada, de papel-de-seda, finas varetas,
linha e, sobretudo, amor. Sou feita dos
desejos de vocês, crianças, que sonham
um dia em ver o mundo daqui de cima.
Sou feita da brisa a soprar ligeira nas
manhãs de verão e do vento melancólico
das tardes de outono. Sou como o anjo
das velhas histórias contadas pelas avós
em tardes de chuva. Sou para vocês um
momento, uma imagem, um sorriso, uma
lembrança a acompanhá-las para sempre,
sempre mesmo, por toda a vida. Ainda
que a pureza de ser criança lhes seja
roubada, violada e ofuscada pela
estupidez do mundo adulto, em algum

lugar, em algum cantinho de seus corações eu lá estarei. Eu sou vocês, crianças, na sua mais pura essência.”

— Voal! Voal! Voal! — gritava o menino, excitado.

As mãos do menino seguravam firmes a linha branca estendida, e esta se perdia lá em cima no céu. Seus olhos brilhavam como o luar refletido no mar. Seu corpo ora se agitava ao ver o brinquedo obedecer aos seus comandos, ora ficava quieto, sentindo o gostinho das nuvens a descer pela linha até os seus dedos.

— Voal! Voal! Voal! — repetia o menino.

E o menino ria e ria, não havia mais nada no mundo que lhe importasse. O que haveria de mais importante que o céu, as nuvens, os pássaros, a sensação de sentir nas mãos a vibração dos ventos repentinos?

“Ah, menino...”, parecia dizer novamente a arraia, “... eu sou tudo para você. Você também é tudo para mim. Encontrou-me só, disperso e, então, remodelando minhas partes, criou-me. Deu-me vida com sua vida. Fez-me subir aqui, bem alto. Fez de seu sonho minha realidade. Mas não sou plenamente feliz, sinto muito. Suas mãos que me deram vida e fizeram-me voar, também me detêm e me aprisionam. Sou sua liberdade, contudo, também sou seu prisioneiro.

“Oh, que contradição mais estranha! Seu desejo de me ver voar só é superado pelo meu desejo de ir mais alto ainda. Por favor, liberte-me! Solte-me! Assim, eu serei realmente parte desta imensidão que me rodeia...”

De súbito, surgiu outro pássaro de papel. E aproximou-se...

— Não! Não! Não! — gritou o menino, apavorado. — Vai embora! Não faça isso! Não!

Ele se agitou. Era inexperiente naquele jogo. E puxou e puxou e puxou a linha, a arraia, tirando-lhe o céu, o vento, as nuvens e os pássaros. Mas foi em vão. Desesperado, sentiu a linha afrouxar em suas mãos pequeninas e seu pássaro, lá no céu, voar desgovernado.

O menino chorou. Chorou abundantemente ao ver sua obra dar várias piruetas, ao ver a linha balançando em curvas pelo ar, ao ver outros meninos correrem, ambicionando ter seu pássaro para eles.

O menino chorou. Chorou ao ver sua liberdade, seu sonho, fugir-lhe das mãos. Chorou por não sentir mais o gosto das nuvens descer até os seus dedos. Chorou porque retornou a um mundo que lhe era cruel, imenso e desconhecido.

E o menino correu para dentro de casa, para ninguém o ver chorar. Ele era menino, e meninos não choravam, meninos não podiam chorar.

A arraia foi girando no céu, e foi caindo, caindo...

“Ah, menino... Como me doeu tê-lo visto sofrer! Se eu pudesse, daria tudo para tê-lo aqui no alto, junto a mim. Se eu pudesse, transformá-lo-ia numa nuvem, para que você, para sempre, fizesse parte do céu. Por um breve instante, um efêmero instante, eu fui livre, realmente livre. Gostei disso, gostei muito, porém, ao vê-lo amargurado por me ver partir, minha felicidade egoísta se desfez e desejei do fundo do meu ser estar em suas mãos novamente.

“Juntos somos um só: somos sonho, somos a brisa da manhã, somos o mundo inteiro... o nosso mundo. Só

agora eu percebi. E, agora, aqui estou presa neste fio de eletricidade, girando em torno de mim mesma. Voltei a ser prisioneira, a ver o mundo limitado por um fio. Mas agora é bem pior. Não tenho

mais suas mãozinhas delicadas a orientar-me, nem o seu amor a elevar-me quase junto às estrelas.

“Estamos sós novamente.”



Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br



MUNDO HOSTIL

por Míriam Santiago

Conto

Depois da escuridão, uma porta sempre se abre, para nos receber!

É a mais pura verdade!

Enfim, cheguei novamente neste paraíso! Nesse mundo que aparentemente, me parece acolhedor, sem a burocracia e a rotina diária, que deixa qualquer um louco só de pensar! E por conta dessa vida repetitiva a que nós, “reles humanos” estamos acostumados a padecer é que me trouxe para este novo mundo! Se sou feliz por estar aqui ainda não tenho uma resposta conclusiva, mas digamos que me sinto mais aliviado, mais livre, leve e solto das obrigações!

E foi assim que resolvi sair da “zona de conforto” para explorar novos horizontes, conquistar um mundo estranho e tudo o que fiz foi dar o primeiro passo, abrir a porta oculta da minha vida!

Estou do outro lado, tenho muito a explorar, com a certeza de que a cada vez um episódio inédito eu hei de encontrar! — Achei que estivesse sozinha, e a propósito, você sabe que lugar é este? — Não sei, e você apareceu assim do nada, pensei que este mundo fosse só meu. Moça, você é estranha, por que está vestida toda de branco? É um anjo ou coisa parecida?

— Para ser sincera, eu gosto dessa cor de roupa, não sou um anjo, sou alguém que se importa com a vida. Posso te acompanhar? Eu também estava solitária e acabei parando aqui, não fiz nada, nem cogitei vir pra cá e acabei te avistando caminhando nesse mundo hostil.

— Hostil? Por que diz isso? Até agora não vi nada de errado. Então vamos caminhar, pois temos muito a conhecer. Meu nome é Carlos e o seu?

— Sou Fernanda, pode me chamar de Nanda.

— Veja lá adiante, parece um caminho no meio da mata Nanda, acho que devemos ir nessa direção. Estou gostando desse passeio, pois mesmo em plena floresta, é o que me parece ser isso aqui, não tem mosquito, não tem barulho algum. Acho que vou morar aqui para sempre!

— Para sempre é muito, você nem sabe o que tem neste mundo Carlos, devagar!

— Mulheres! Sempre medrosas! Vamos andar, conhecer e curtir! Temos a vida toda pela frente e me sinto em paz neste lugar!

— Como você veio para cá, já se perguntou?

— Não sei, adormeci nervoso e vim parar aqui, este recanto me deixa calmo e com vontade de ser quem sou, não há cobrança de ninguém, não há preconceito e nem mesmo discriminação.

— Me parece um rio, que lindo! Estou amando!

— Carlos, realmente o rio é bonito, mas creio que vi algo nele, uma sombra a se mexer, não sei! Olha lá, veja, e está vindo em nossa direção!

— Você tem razão e é grande, corra, vamos sair da beira, depressa, vamos nos esconder!

— Carlos, é um monstro! Ai que medo, que horror! É muito grande, com duas cabeças, e vem nos pegar!

— Nanda, vamos correr, depressa, me dê sua mão.

— Olha Carlos, outro monstro se aproximando, e estão brigando! É uma luta territorial, que cauda imensa ele tem e solta fogo, é um dragão! Que força descomunal, como se atacam e se mordem, depressa partimos daqui a nos esconder na mata.

— Ufa, conseguimos despistar, ainda escuto os dois se duelando.

— Carlos, olhe, tem uma cabana logo adiante. Vamos pedir ajuda, estamos perdidos!

— Verdade, me parece abandonada.

— Ó de casa! A porta está destrancada, venha Nanda, vamos descansar um pouco e beber água.

— Calma aí, acho que não devemos, o dono pode chegar a qualquer momento e achará que invadimos, melhor irmos.

— Ficaremos poucos minutos para descansar. É impressão minha ou a cabana é maior do que vimos do lado de fora?

— Muito estranho isso, não estou gostando, devemos partir agora!

— Tá bem, me deixa ao menos beber água. Minha nossa!

— Que foi Carlos, você está gritando.

— Olha só para isso, que corredor imenso, não enxergo o fim dele, e tem grades... acho que são jaulas! Vamos Fernanda, corre!

— A cabana está se mexendo! Socorro, o que é isso? Estou tonta e não consigo andar direito.

— Eu também não veja, tem alguém abrindo a porta. Ai não, o que é aquilo?

— Me parece uma bruxa!!! Está com um garoto em uma das mãos!

— Já vi essa história antes Fê... É a velha bruxa de João e Maria!

— Se apresse então que ela nos viu e vem em nossa direção!

— Vocês quem são? O que fazem em minha casa? Como se atrevem!

A bruxa levantou as mãos para o alto e olhando para os dois gritou palavras em outro idioma! Ela estava com ódio e sua feição ficou ainda mais aterrorizante. Foi quando Carlos atirou uma lamparina acesa em cima da bruxa, e a mulher ficou em chamas! Gritava sem parar e rodopiava contra as paredes, derrubando quadros e porta-retratos das mesas. A cabana parou de chacoalhar e os dois conseguiram sair, correndo novamente pela mata. Ao olharem para trás, a casa inteira pegava fogo, a labareda em pouco tempo a consumia com rapidez e gritos se ouviam, além de estalos do fogo destruindo o local, que ainda sofrera uma explosão.

— Meu Deus, quantas pessoas morreram? Que horror Carlos!

— Não tinha o que fazer, a mulher iria nos matar.

— Vamos voltar de onde viemos, por ali, acho que é o caminho.

— Nanda, estamos andando em círculo.

— Quietos, estou escutando passos, alguém se aproxima...

— Alguém não querida, é um leão enorme! Que vamos fazer agora?

— Não sei, se corrermos ele nos alcançará e seremos devorados.

Carlos deu dois passos para trás e não viu mais nada, caiu ao chão desmaiado.

...

— Carlos, Carlos, levanta irmão!

— Nanda, cadê o leão? Sumiu?

— Ei Cara, sou eu, Joaquim. Tá sonhando? Você falava o tempo todo e

chamava por uma tal de Nanda, quem é essa mulher?

— Tudo era tão real, estou confuso.

— Você viajou cara, foi para outro mundo, conheceu até uma mulher!

— Então nada daquilo aconteceu de fato? Aquele mundo inusitado não existe? Estava feliz com ela, apesar de tanta coisa que aconteceu por lá.

Fernanda era tão linda!

— Olhe ao redor, é tarde da noite e estamos aqui embaixo de uma marquise nos abrigando da chuva e do frio. Ainda bem que é uma marquise grande, a loja é imensa e nos acolhemos bem.

— Preciso de uma pedra Joaquim, quero voltar para aquele mundo!

— Não temos mais cara. Aonde vai, volte pra cá! — Grita Joaquim, mas Carlos estava desnortado e tremendo.

— Vou arrumar, preciso ver a garota, grita ele ao amigo, tremendo o corpo todo e gritando alucinado. Nisso, ao atravessar a rua sem olhar um veículo vem em alta velocidade e não dá tempo de parar e nem desviar e Carlos é jogado longe inconsciente. O motorista sai do carro em desespero, mas ao avistar Joaquim que vinha gritando, entra no carro e deixa o local rapidamente.

Joaquim chora ao pegar a mão do companheiro de vício. Carlos abre os olhos e diz que foi feliz nos poucos momentos em que passou ao lado de Fernanda.

...

É uma história triste com final trágico, uma de tantas que estamos acostumados a ler em jornais ou escutar nos telejornais. O vício tem tirado tantas vidas, incontáveis, histórias que se acabam dia a dia, e o pior de tudo isso é que acabamos nos acostumando.

Só para se ter ideia, segundo Relatório Mundial Sobre Drogas lançado pela Organização das Nações Unidas, em todo o mundo, as mortes causadas diretamente pelo uso de drogas lícitas e

ilícitas aumentaram 60% entre 2000 e 2015. Por isso, diga não às drogas! Veja o mundo por seu prisma, mesmo que para você ele pareça hostil, sempre há esperança!



Míriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: miriansssantos@gmail.com



EIS A SOMBRA

por Roberto Schima

Conto

Frio.
Escuro.
Úmido.
Silencioso.

Quando eu me reergui, a princípio a sensação foi semelhante ao despertar de um sonho... Foi como emergir de um poço profundo; a consciência dissolvida nas águas escuras do esquecimento. Mas o frio da lembrança, o fustigar do vento da memória, trouxe-me gradualmente à tona. Reflexos difusos tornaram-se claros. O opaco tornou-se transparente... Tão transparente quanto as mãos que ergui e não consegui observar além de contornos perceptíveis em face à refração.

Minhas mãos!
Vi através delas... E eu vi.
As lápides.

Quisera ter sido consolada pelo conforto da obscuridade, entretanto, não havia consolo na noite caída, nas árvores de suas folhas despidas, na terra úmida e coberta de orvalho.

Eu pereci.

Porém, nem mesmo na morte foi-me concedida a paz de uma tela em branco.

Não havia lua no céu. Somente a friagem das estrelas imersas na madrugada. Em outros tempos, aqueles pontinhos de luz trariam-me a paz...

... Não havia paz no cavalgar das memórias. E elas retornaram em uma sucessão de ondas a bater aos pés de um penhasco, transformando rochedos em seixos e seixos em areia. Um grão de areia poderá transformar-se em pérola, todavia, em seu íntimo, em seu coração, jamais deixará de abrigar àquela tonitruante incrustação de dor.

Lembrei-me então.

Não haveria descanso.

Não haveria paz.

Um assassinato cruel, insano, sem despedidas ou redenção era incapaz de descortinar o afago da serenidade.

Eu necessitava da solidão da floresta. Queria abrir a mente ao conhecimento da mãe-terra.

Certas ervas curavam; outras, a chama da vida apagavam.

Céu vermelho ao poente; manhã de sol para a gente.

Causa e efeito.

Havia sabedoria no silêncio e no tamborilar da chuva sobre os matizes da folhagem.

Então...

... nos campos, as plantações não vingaram.

A fome grassara pela cidade, trajando sua mortalha puída.

Chamaram-me bruxa, feiticeira.

De súbito, a quietude deixara de existir. A turba avançara, carregando a ira de seus archotes.

Ancinhos, foices e cutelos.

Bocas clamaram por divindades. Mãos atuaram por demônios.

A sabedoria diluíra-se sob vozes ruidosas.

Ervas foram pisoteadas, arrancadas, maceradas.

Meus protestos e temores perderam-se nas copas das árvores, sob

um céu sem chuva. Somente o frio das estrelas observou inerte.

Arrastaram-me de minha cabana.

Submeteram-me à tortura.

Confesse o inconfessável!

Acuse os inacusáveis!

Uma dor lancinante poderia prolongar-se pela eternidade.

A mente cristalina poderia tornar-se turva, densa, barrenta. Macular a imaculada alma.

Minhas mãos, mãos que curaram...

Não me trouxeram a cura. Transparentes ficaram.

Agora, observei às lápides. Vi os nomes. Li... e... Porquê das memórias! Eu os reconheci.

Todos os meus parentes... Os embaixadores da morte também os levaram!

Ajoelhei-me sob a terra úmida.

Não a senti. Gritei, um grito silencioso, capaz de atrair a atenção somente de intrigadas corujas e morcegos de passagem. Mais como uma picada no cérebro, uma brisa, uma impressão, um instinto sem forma. Gritei e gritei e gritei. Chorei através de olhos mortos e esgares tortos.

Malditos! Mil... Um milhão de vezes malditos!

A paz sem paz custou a chegar.

Lágrimas translúcidas afloraram, carregando os últimos resquícios de lucidez.

Lúcidas, translúcidas.

Causa e efeito.

Despertei da dor.

Despertei para a dor.

A paz sem paz.

Emergi do esquecimento da terra para o fustigar das lembranças, de um instante para a eternidade.

Sendo essa a minha sina, também
ela encontrará os meus captores.

Levarei o desespero de noites
insones. Gemidos nas sombras. Toques
gelados vindos da escuridão.

Campos estéreis agora
germinaram.

Enterraram a semente de meu
corpo e, sem o saber, fizeram brotar os
frutos de sua ruína.

Não terei paz.

Não terão paz.

A fome continuará a arruiná-los.

A fome da esperança.

A fome da misericórdia.

A fome do arrependimento.

A fome do perdão.

Nenhum alimento poderá saciá-la.
Malditos.

Mil vezes... Malditos!

Das trevas um temor antigo.

Um arrastar de correntes.

Silhuetas esgueirando-se pelos
cantos dos olhos.

Nuvens pesadas ocultando o Sol,
despejando a tempestade.

E, por trás dos trovões... um
instante... uma eternidade.

Finalmente, eis que a sombra...
assombra.

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

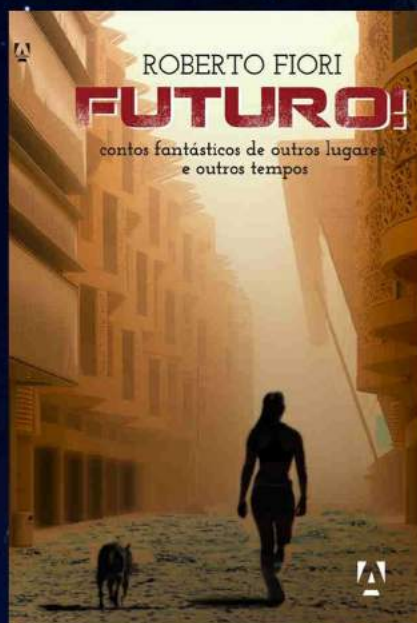
http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]



DELÍRIOS DO DESEJO

por Gerson Avillez

Conto

Nos fins do século XXII a ciência se tornou prodigiosa ao transcender o ordinário de nosso mundo ao finalmente ao desenvolver uma tecnologia quântica com a resolução dos problemas entre a mecânica quântica e a física clássica. Dentre as técnicas estava um equipamento capaz de influenciar a randômica do caos a partir de elementos quânticos de entrelaçamento sondando ou impactando eventos distantes. Chamado de 'Interventor Caótico a Distância' o IDC logo passou a ter

implicações diversas na astronomia e astronáutica desde a transmissão de dados instantaneamente a grandes distâncias de anos-luz a até mesmo um modo de inferir padrões moleculares de distantes planetas de modo a constituir uma sondagem remota de busca da vida. Uma vez que padrões moleculares constituíssem a premissa da então emergente 'teoria do tudo' postulada em meados do mesmo século aquilo constituía uma ciência que sondava o mundo macro a partir do quântico em busca de padrões moleculares de vida em

diversos graus de complexidade, mesmo a suposta vida de inteligência emergente no universo em cantos inatingíveis.

A princípio a busca por vida inteligente buscava detectar tais padrões cruzando posições de espaço-tempo e uma vez confirmado sinais de informações quânticas eram enviados por entrelaçamento na esperança de que tal suposta espécie tivesse similar tecnologia ainda que os convencionais sinais de rádios fossem não menos utilizados. Ainda que não se pudesse saber tanto como a suposta aparência dos seres, dois planetas do outro lado da Via láctea foram assim identificados com tais supostos padrões de complexidade por leituras não somente de moléculas que formassem um código genético, mas de assinaturas mentais análogas a da inteligência humana. Porém, os esforços de contato com tais potenciais espécies foram infrutíferos, sem que se obtivesse quaisquer respostas aprazíveis e uma vez que os sinais de rádio destinados a civilizações menos evoluídas engendrariam uma espera de muitas décadas os esforços voltaram-se a planetas e luas mais próximas ainda que mediante a busca de vida mais simples. Assim finalmente obtiveram êxito ao findarem a busca por um organismo simples, potencialmente enquadrado na categoria de microrganismos similar a classe sphaeropsidales, mais especificamente o que aparentava ser uma forma de vida fungíca. Aquilo confirmava a teoria de que a vida era fomentada por padrões que aspiravam a

universalidade ao criar vida semelhantes a vista na Terra.

A vida em questão estava situada num asteroide com uma órbita aparentemente estacionária entre Jupiter e Marte como similarmente a um planeta malformado. Supostamente proveniente do cinturão de Kuiper dos confins do sistema solar. O lugar que havia sido explorado anteriormente em seus potenciais minérios como ouro ou mesmo pedras de alto valor, como grandes diamantes, parecia originalmente não agregar nada de importância a exobiologia ainda que se soubesse dos potenciais vulcânicos sob a superfície em similaridade a planetoides como até mesmo Plutão. Mas se uma vez todos os recursos minerais pareciam exauridos pela bem-sucedida exploração espacial ao saberem da existência de água líquida em seu interior levou a uma corrida afim de finalmente realizarem um primeiro estudo direito de formas de vidas extraterrestres da história de modo que uma missão internacional rapidamente fora desenvolvida até aquele pedaço de rocha semiesférico.

Os meses que se seguiram o lançamento fora de êxito inspirador enquanto IDC continuava a mensuração a distância em busca de mais dados daquela forma de vida extraterrena. Quando finalmente a expedição científica chegou aportaram nas antigas instalações de astromineradores, um lugar vasto de edificações metálicas entre enormes maquinários os quais parados remetiam a um lugar fantasmagórico. A gravidade era

leve no lugar o que facilitava o trabalho tanto dos astromineradores quanto dos cientistas que desembarcavam pesados equipamentos de escavação uma vez que os presentes no asteroide pareciam estranhamente erodidos por duas décadas de abandono. Pouco descanso tivera até iniciarem os trabalhos ao seguirem as coordenadas fomentadas pelo IDC, algo sob uma espessa camada de gelo de milhares de anos, o qual em seu interior uma atividade similar aos vulcões da Terra tornava a água em estado líquido. Todavia o suposto agente fungíco não era aquático, mas parecia estar de alguma forma congelado em suas mediações o que caracteriza possibilidades perturbadoras como se aquele planetoide outrora tivesse atmosfera ou aquilo era proveniente de outro lugar, por sua vez.

Foram horas de perfuração até finalmente atingirem o ponto em questão, e o que se viu ao puxarem parecia confirmar os prognósticos do IDC quando foram confirmadas todas as informações daquela tecnologia clássico-quântica. Os cientistas agora abismados comemoravam a primeira descoberta confirmada da exobiologia levando a um alvoroço no terráqueo planeta de onde adviriam.

A forma de vida aparentemente era simples, um microrganismo fungíco que tão logo teve o DNA escrutinado afim de desvelarem suas funções e características. Por mais incrível que parecesse aqueles seres se assemelhavam ao fungo *Massospora* da Terra dando

perspectivas assombrosas da possibilidade de panspermia para origem da Terra ainda que pendente de melhores estudos que a isto confirmasse.

No entanto, o que se descortinaria a seguir seria provocado por um incidente desconcertante por um relapso descuido de uma das cientistas, Laura Oliveira. Ao manipular um recipiente que cultivava uma colônia dos fungos em questão a mulher que discutia a peculiar organização dos fungos em coletivo o qual denotava uma complexidade emergente numa aglutinação similar a de organismos maiores, a mulher exausta pela expectativa da descoberta deixou o engradado cair no chão espalhando as formas de vida no ar. Aquilo era preocupante pois os fungos ao serem despertados de seu sono milenar haviam desenvolvido esporos capazes de lançar no ar agentes daquilo e, uma vez que os estudos preliminares não havia atingido dados aprazíveis sobre o impacto daquilo em outras formas de vida, o incógnito permaneceu sobre os efeitos que aquilo impactaria numa potencial infecção dos corpos no ser humano.

— Há rumores de que a forma de vida identificada pelo IDC do outro lado da galáxia poderia ser não menos microscópica, mas organizar-se similarmente aos neurônios os tornando aptos a uma inteligência emergente similar à de organismos complexos. — Repercutiu Laura ao entrar em quarentena junto a outros dois amigos.

— Talvez sejamos infetados por uma inteligência extraterrestre capaz de

transformar nosso pensamento? — Se indagou o colega cientista a ela.

Obviamente eles não tinham as respostas ainda que simulações preliminares num computador indicassem que aquele fungo tinha potencial capacidade de influenciar o comportamento humano tal como alguns exemplares terrestres.

Com o passar das horas foram percebidas alterações cardíacas ao ser confirmada a infecção de dois dos cientistas em questão que pareciam ter um certo rubor e comportamento sexualmente crescente. Tão logo foram interrogados os dois sobre o que sentiam e os relatos pareciam perturbadores ao serem confirmados por um leitor cerebral que confirmava leituras mentais de uma crescente libido que parecia chegar ao limite da escala do 'normal'. Laura dizia sentir uma incontrolável atração por seu companheiro de cela assim como este por ela e a própria cientista que os indagava. O homem chamado Roberto Silveira era casado mas dizia que era tomado por pensamentos sexuais enquanto era observada uma crescente irritação nos órgãos sexuais o que aproximava ainda mais o caso do fungo o qual era um quase gêmeo, massospora. Tal como o massospora esse fungo parecia tornar seus hospedeiros em escravos sexuais o qual por uma irritação nos órgãos sexuais levava-os a uma busca desesperada pela cópula. Ainda que o fungo oriundo da Terra não infectasse seres humanos seu comportamento era observado nos

insetos de forma análoga ao que se observava agora naquele planetoide com humanos, sendo que aquilo parecia mais que influencia-los ao indicar pensamentos e sensações obstinadamente sexuais dos pacientes.

Não demorou até que Roberto de súbito agarrasse Laura numa tentativa de coito que remetia aos mais selvagens animais terrestres dada a ferocidade. A situação constrangedora ocorreu na frente da cientista que os interrogava enquanto o homem com a vista agora vermelha parecia desesperado naquela busca.

Tão logo os colegas, portanto trajados adentraram a quarentena para separa-los daquilo, mas o homem que tirava as roupas num ardor sexual descontrolado tentou mesmo agarrar um dos colegas num assédio ao abandonar toda decorosa regra social. A hiperssexualizados a qual sofriam alterava a consciência de tal modo a qual o desejo sexual subjugava a razão ao torna-los verdadeiros zumbi sexuais que eram refletidos mesmo na concepção de objetos fálicos ante a qualquer coisa que pudesse se mover e possuir vida. Mesmo homens o qual não fosse homossexual, mediante o âmagô do ardente desejo sexual passava vê-los como gays ou mesmo mulheres num evidente delírio sexual, como que numa alucinação proporcionada por alguma droga.

— A hiperssexualizados o qual sofrem parece acompanhar o aumento da irritação dos órgãos sexuais. —
Comentou a cientista enquanto via

ambos transpirem abundantemente ao serem separados.

A irritação deles que pareciam se recusar a manter-se vestidos tornava-os com comportamento sexual totalmente inapropriado ante a tripulação que constrangida parecia evita-los. Porém, aquele era apenas o começo do fim quando Laura percebeu que um dos colegas que os separou anteriormente teve o traje de isolamento rasgado e assim demonstrou potencial infecção. O estrago havia sido feito quando exames confirmaram no pouco tempo posterior ao contato que infectou de toda tripulação. Apesar daquilo Josiane Conrad que havia entrevistado os pacientes originais parecia determinada a continuar a pesquisa até que se exaurisse todas as possibilidades de cura para o desenvolvimento de um potencial fungicida. Ainda que dando iniciais sintomas da hiperssexualização ela permanecia debruçada sobre os microscópios e computadores quando conseguiu isolar elementos do fungíco que criava enzimas capazes de ter efeitos alucinógenos no hospedeiro de modo similar a uma droga o qual a virulência viciante era inexorável o que explicava os delírios sexuais. Assim ela mesma deu-se conta dos efeitos sobre si mesma ao ter os pensamentos voltados gradualmente a uma obstinada vontade sexual. A mulher que reportava tudo num diário que era gravado parecia relutante em ceder as intempéries de uma hiperssexualização descontrolada sobre sua psique quanto então um dos colegas invadiu a sala.

— Josiane! Preciso de você! —
Vociferou o homem com olhos arregalados enquanto o rubor era inegável. — Não consigo parar de te desejar.

— Você sabe que não há qualquer racionalidade nesse pensamento, John. Controle-se!

— Sabes também tudo que está o mesmo submetida, não vamos negar nossos desejos, minha delícia! — respondeu o homem de volta a puxando pelo braço quando então parecia querer abrir as calças quando um outro colega adentrou e os separou.

— Prenda ela numa cela de quarentena! — Vociferou Josiane nervosa.

Porém para espanto dela o homem que separou John dela, agora parecia querer agarra-lo ao apalpa-lo abaixo da cintura tornando a situação constrangedora sem controle. Naquele instante o outro homem saiu da cela e soltou os hospedeiros originais dando lugar numa situação que de tão perturbadora e agourenta não convém detalhar no relato que estes testemunharam. Ato que levou a morte de todos, e onde num último ato de lucidez Laura enviou uma mensagem de aviso sobre o que aconteceu. Mas que com a morte de quase toda tripulação, John ao sobreviver lançou-se de volta ao espaço para retornar a Terra numa busca desesperada por procurar parceiros ou parceiras sexuais em potencial. Num surto de euforia diziam na mensagem enviada pelo IDC que ele permanecia incólume a infecção que não o teria o

acometido, o que era apenas o perfeito
ardil até que ao ser resgatado na
reentrada da atmosfera este fizesse o

suficiente para espalhar aquela moléstia
entre os demais.



Gerson Avillez é fotógrafo, autor nas horas vagas, teólogo, filósofo e pedagogo por formação. Portador da Síndrome de Asperger com superdotação (Qi 163), Membro do CLFC (Clube de Leitores de Ficção Científica), escreveu artigos para a Revista Somnium, teve contos selecionados e publicados na Revista Litera, site Maldohorror, Arte do Terror, Mirage, Primeiro Capítulo, Conexão Literatura, Creepypasta Brasil assim como autor da semana com artigos de destaque na Obvious Mag. www.gersonavillez.jimdo.com.



ESTILHAÇOS

por Gilmar Duarte Rocha

Conto

J.J. Milestone vivia sozinho em um prédio de apartamentos situado na zona central caquética da grande cidade decadente. Seus vizinhos eram desempregados; aposentados de baixa renda; imigrantes ilegais e jovens viciados de origem nobre, assim como ele, que, embora não fosse viciado por entorpecentes, era um sujeito indolente, alheio à vida e ao mundo, blasé; insensível aos problemas alheios e também adicto. Só que ele tinha outro tipo de vício. O seu universo se resumia aos jogos cibernéticos violentos; às lutas marciais que assistia na TV madrugada a dentro e a consumir caixas e caixas de

latas de cerveja. Vez ou outra, sacava o celular alternativo para discutir com os comparsas da torcida organizada de futebol qual seria estratégia da semana para trucidar os rivais, delinquentes também e torcedores de outro clube.

O apartamento de J.J. era amplo. Três quartos, uma sala, uma antessala, dois banheiros, uma cozinha e área de serviços espaçosa. Mas a mobília se resumia a uma grande e solitária TV na sala; duas almofadas; um colchão velho, uma geladeira caindo aos pedaços, um potente computador portátil e dois celulares de última geração.

Num sábado à noite, assistindo ao costumeiro programa de lutas de gladiadores modernos; hora que não tirava o olho dos jatos de sangue que jorravam da tela, e que não largava a lata de cerveja da mão, ele ouviu um enorme estrondo no prédio, seguido de estilhaços de vidro quebrado e barulho de coisas rolando pelas escadas, no lado de fora do seu apartamento. Seguiram-se gritos de pessoas; passos apressados escorregando pelas escadas; raios, lampejos e clarões tremeluzindo através do amplo vitral da janela da sala desprovida de cortinas; sirenes insistentes de ambulância e de polícia que começavam a estacionar em frente ao prédio:

— Devo ou não abrir a porta, J.J? — inteiramente ébrio, ele questionava ao seu alter ego. Fez até certo esforço para se levantar. Deu dois passos em direção à porta; parou por um instante e soltou a palavra que se esperava dele numa ocasião como aquela: “Danem-se”. Dito isso, rastejou até o quarto e — não obstante todo o caos que ocorria no prédio naquele instante — desabou no colchão e caiu em sono profundo.

Acordou na manhã seguinte, um domingo, com o barulho incessante de batidas em sua porta e gritos frêmitos de pessoas estranhas.

A cabeça de J.J. pesava dez arrobas àquela hora da manhã. Ele mal conseguia ficar de pé. Até que não era uma pessoa obesa. Pelo contrário, possuía braços, pernas, pescoço de dimensão mediana. Mas, dado ao consumo desregrado de álcool e ao péssimo hábito alimentar que cultivava, detinha uma barriga de proporções catastróficas e que lhe dificultava os movimentos sobremaneira. Naquela manhã, em especial, estava de mal a pior. Arrastou-se do jeito que podia

até a sala; fez forças para se levantar e abrir o trinco da fechadura:

— Por que o senhor não atendeu à ordem de evacuar? O prédio pode demolir a qualquer momento — um oficial do corpo de bombeiros aplicou-lhe uma reprimenda, e, em sequência, uma ordem — cuide rapidamente de pegar os seus pertences e abandonar o local agora mesmo. Ah — o militar fez um adendo —, embora ache que não, mas certifique-se de que a cabeça de uma pobre vítima do andar superior não caiu em algum lugar do seu apartamento.

J.J. ouviu aquilo com estupefação. Assim que fechou a porta, prometendo ao militar que iria providenciar a saída urgente do imóvel, girou o dedo indicador em torno da têmpera insinuando que o bombeiro havia perdido o juízo. Então uma sede descomunal arrebatou o seu corpo desidratado e ele trotou cambaleante até a cozinha. Colocou a boca embaixo da pia; abriu a torneira; esperou a água cair e água não veio. O sedento esquecera que houvera um acidente grave no prédio e que o sistema hidráulico sofrera pane. Não se deu por vencido e se arrastou até a pia da área de serviços. No caminho, tropeça em algo:

— Droga! Quem jogou essa cabeça aqui na minha cozinha?

Paro um instante para tirar o leitor por um momento dessas linhas; transportá-lo como se estivesse numa grua até o teto da cozinha e visse a cena de cima para baixo:

A cabeça careca de um homem em estado de assombro; a barriga avantajada do assombrado na frente dele; mais embaixo, na frente da barriga, uma cabeça solitária estatelada na laje fria,

com sangue ainda respingando do pescoço estraçalhado.

J.J ficou paralisado por um instante. Com os olhos arregalados reconhecia naquela cabeça a figura do seu desafeto do andar superior, o boliviano Trujillo, homem insuportável, que passava as noites batendo com o cabo de vassoura no seu teto, pedindo para que ele reduzisse o som sempre alto da sua TV, que invariavelmente varava a madrugada.

Imediatamente lembrou-se do que o bombeiro lhe dissera há pouco. Olhando para a janela da área de serviços com os vidros quebrados, se deu conta, enfim, que o acidente no prédio lhe deixara um legado. Um legado macabro. Sem saber o que fazer, andou de lado para o outro, coçou a cabeça raspada (a dele) e resolveu que daria um sumiço na cabeça cabeluda largada no chão (a do boliviano).

Pegou a cabeça do estrangeiro pelos cabelos lisos e negros, andou celeremente até o banheiro do seu quarto, subiu no assento do vaso, puxou a alça do basculante e olhou para baixo, para ver se no estreito beco lateral ao prédio havia alguma pessoa passando naquela hora. Não havia. Ótimo. Arremessou a cabeça no ar, no segundo andar do prédio (o andar do apartamento dele), e respirou fundo. Aliviado. Aliás o alívio veio a tempo, pois os bombeiros voltaram à carga e praticamente ameaçavam

arrombar a sua porta. “Calma, calma. Estou indo”, gritou com misto de desafogo e ansiedade. No trajeto até a porta de saída foi pegando o que lhe vinha à vista. O celular; o outro celular; o notebook; e quantas latas de cerveja cabiam na sua mochila. Desceu, ainda atordoado, as escadas escuras e estreitas do prédio imundo e, para sua surpresa, se deparou com um mar de jornalistas na frente do prédio.

“Ei, senhor”, intercedeu um repórter, “Qual o motivo de ter resisitido em sair do prédio?”. O jornalista o pegou literalmente de calças curtas.

Desnortado, sem saber o que falar, tentava escapar do mar de pessoas, até que uma pessoa bateu no seu ombro. Quando ele se virou, viu o mendigo que ele expulsava a chutes e pontapés todo santo dia debaixo da marquise do seu prédio que agora estava prestes a desabar. O mendigo sem juízo, com problemas mentais, desdentado, de cabelo desgrenhados e olhos profundos, entregou-lhe, ingenuamente, uma coisa enrolada em papel de jornal:

— ESSE TROÇO CAIU DO SEU APARTAMENTO. O SENHOR DEVE PRECISAR DISSO.

Todos os holofotes, olhos, câmeras, máquinas, aparelhos, armas, vetores, se voltaram para uma só criatura que segurava desconcertadamente um estilhaço muito esquisito nas mãos.

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, O berço de Judas, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.



CAÇADA NO PLANETA DUPLO

por Roberto Schima

Conto

"Em um mundo de mentiras, a única verdade é a própria mentira."

PRÓLOGO

Sonhos!

Sonhar é uma das maiores manifestações de liberdade que o ser humano pode ter.

Nos sonhos, tudo torna-se possível. Tudo o que almejamos vira realidade. A felicidade está ao nosso alcance. Somos senhores de nosso mundo. Somos donos de nosso destino.

Não há anseios.

Não há tristezas.

Não há infelicidade.

O fardo desaparece e flutua para longe, como bolha de sabão.

Toda a fealdade ao nosso redor evapora-se e, de repente, o paraíso surge ao alcance da mão.

Concidadãos! Agradecemos a todos pelo voto de confiança que não somente em nós depositaram, mas ao estilo de liderança firme, justa, altruísta e generosa que o nosso amado antecessor, Excelentíssimo Senhor Doutor Honoris Causa Dirigente Supremo Siba 00171 — @10D08m19, ao qual pretendemos dar continuidade. Fortaleceremos a educação, pois ela

*é o alicerce de qualquer sociedade desenvolvida,
justa e humana. Expurgaremos a sede, a fome e
a miséria de nossa grandiosa, histórica e pioneira
colônia, a Cidade de Areia, em todos os níveis:
da superfície aos mais profundos subterrâneos.*

*Todos são nossos filhos e filhas, irmãos e
irmãs!*

*Estabeleceremos normas cada vez mais
democráticas para que todas as séries sejam
beneficiadas segundo seus méritos.*

*E, sobretudo, desprenderemos todos os
esforços no sentido de que, a cada habitante, não
lhe seja negado o direito de sonhar.*

Essa é a nossa meta.

Esse é o nosso sonho:

*Empacotar e distribuir sonhos para
todos!*

Um futuro de maravilhas nos aguarda!

Vossos sonhos são nossos sonhos.

Nossos sonhos serão para vocês.

Viva a colônia Cidade de Areia!

*E o nosso mais humilde e sincero
agradecimento.*

ROUSSEAU 00033 — @617n716T
Dirigente Supremo
Cidade de Areia
A19M08D11

(Excerto do discurso de posse do
Excelentíssimo Senhor Doutor Honoris
Causa Rousseau 00033 — @617n716T,
novo Dirigente Supremo da Colônia
Cidade de Areia)

1 - O MONSTRO DE AREIA

O alarme soava pela Cidade de
Areia fazia quase meia hora.

Um grito desesperado de metal,
avisando e avisando.

Parecia berrar em todos os
ouvidos:

"Está chegando! Está chegando!
Está..."

Era um som irritante, estridente,
contínuo e bastante familiar.

E, para uma parcela dos
habitantes, além da apreensão, era
também motivo de angústia e desespero.

Os olhos do jovem piscaram
diversas vezes num curto intervalo de
tempo.

Seu nome fora tatuado na base da
nuca quando ainda era um bebê,
juntamente com o número respectivo
referente a série e um código
alfanumérico:

"RODNEY 00023 — @53YkM375"

Ou, simplesmente, Rodney 00023.

Poderia ser apenas Rodney? Não
havia uma lei específica contra isso,
contudo, habitualmente considerava-se
uma tremenda grosseria referir-se a
alguém sem o seu número. A numeração
era aquilo que individualizava a pessoa de
seu antecessor. Praticamente a totalidade
da população da Cidade de Areia fazia
questão. Rodney 00023 não estava entre
as exceções. Aliás, ele tinha mais motivo
do que a vasta maioria para exigir isso:
seu "irmão".

Por ora, bastava saber que Rodney
00023:

Era franzino.

Era assustado.

Era um prisioneiro.

Era um revolucionário...

... o que jamais passara por sua
cabeça.

Sua voz soou trêmula:

— Está vindo...

Primeiro, sentia dentro de si, um revirar do estômago como se pequeninas criaturas quisessem fugir. Agitadas, cavoucando, roendo as entranhas numa angústia úmida, pegajosa e claustrofóbica.

A cabeça latejava, o corpo arrepiava e o calafrio tomava conta.

Vinha distante no horizonte: o "monstro" sem forma e sem clemência. Tão inevitável quanto a passagem do tempo, a troca do dia pela noite, o suceder das estações do ano.

A espera e a expectativa aterradora eram as maiores torturas.

Em seguida, chegava a areia: o ruído áspero e contínuo de abrasão. De início, um leve sussurrar, crescendo mais e mais, até transformar-se em um rugido interminável a rasgar a alma. Cinzelava rochedos, penhascos e desfiladeiros nas mais estranhas formas, como acontecia na Floresta de Pedra mais ao sul e seus colossos de arenito ou na Ravina da Perdição e seus gigantescos arcos, pináculos e cavernas na altura do equador.

Depois, ouvia-se ao longe, de muito longe, profundo e ameaçador: o uivar e os trovões.

E eles, aterradores, aproximavam-se, arautos malévolos da prematura escuridão.

Era o monstro de areia.

Avassalador.

Aterrorizante.

Um pesadelo onipresente.

A grande fera e senhor das dunas.

O uivar e os trovões eram a sua voz; a tempestade de areia, o seu corpo; os relâmpagos, as chispas de seu olhar.

Era uma onda gigantesca e espessa de quinze quilômetros de altura e milhares de largura, arrastando-se desde o "mar" do deserto profundo e suas

dunas do tamanho de cordilheiras até completar a volta ao redor do planeta.

Era o pulsar do coração naquele planeta árido do qual a humanidade, séculos atrás, fizera o seu lar — tentava arduamente, pelo menos.

Havia tempos, os cientistas procuravam domar o indomável, apaziguar aquele de quem ninguém teria paz. Todos falharam. Alguns pereceram, engolfados por sua fúria, estripados por suas garras.

Para os mais aflitos, era a angústia periódica e encurralada de quem não tinha para aonde ir — não legalmente pelo menos — exceto para os prédios rasos em formato de domos, esferas ou toróides, ou para os túneis e níveis subterrâneos esparramados e entremeados até vários quilômetros sob a superfície rochosa.

Afinal, paredes a prova de som eram uma regalia para muito poucos.

Era um mundo de curvas, onde ângulos não tinham vez e as arestas não eram toleradas.

— E vem — sussurrou o jovem mirrado para si de um desses domos. — Sempre vem.

Levou as mãos aos ouvidos, embora soubesse ser inútil.

"Eu falei a verdade! Por Zeus, venham me buscar!", meio que implorou, meio que orou.

Nada podia deter o monstro.

Rodney 00023 podia vê-lo aproximar-se do outro lado da janela.

O bramido, ah, o bramido! Chegando e chegando...

Nada conseguia impedi-lo.

Essa era a razão do seu existir.

Uma poderosa força da natureza criada pelos enormes efeitos de maré.

Periódica e infalível, afetava todo o globo e toda a vida de tempos em tempos.

O mais irônico era que, para um planeta de uma natureza tão rude, deram-lhe um nome singelo:

Eurídice.

Sim, era esse o nome do planeta árido de tom amarelado e manchas escuras.

Nada da frieza insípida de siglas ou números. Nada de letras do alfabeto grego.

Um extenso nome de mulher, eco de um antigo mito.

Eurídice.

Talvez quisessem aplacar a sua natureza, batizando-a assim ternamente. Mas tudo o que conseguiram fora conhecer uma "mulher" bastante irascível.

E o vendaval fustigava a sua superfície habitualmente monótona, trazendo consigo aquela colossal tempestade de areia: um monstro massivo, sinistramente escuro em sua base de tão denso, transformando em noite o dia, descarregando violentamente a eletricidade estática acumulada pelo atrito de sua infinitude de partículas. Nada, absolutamente nada que atravessasse o seu caminho sem a devida proteção permanecia incólume: tornava-se parte dela.

Sempre fora assim, sempre seria.

Todavia, na época em que seu planeta-irmão — alguns diriam amante —, Orfeu, despontava no céu, visível inclusive à luz do dia, o monstro tornava-se maior, mais enraivecido e amedrontador... como agora.

Sim, lá estava Orfeu do outro lado do círculo formado pela janela, contornos difusos devido a areia e a

espessura do vidro. Orfeu, o mundo dominado pelas águas. Fazia pensar em um olho imenso, azulado e fantasmagórico que jamais piscava: o olho da tempestade, o ciclope das marés.

Diversos mitos foram construídos a respeito de ambos os mundos no decorrer dos séculos.

O corpo de Rodney 00023 ficou mais tenso.

— Mais próximo!

Aquele que cuidava de sua vigilância na cela, retrucou:

— Acalme-se.

— Não sente em suas veias?

O carcereiro, homem mais velho e corpulento pestanejou, enquanto coçava o queixo e a barba por fazer. Trajava uma farda preta da qual fazia piada que era para combinar com os seus cabelos. Na cintura, portava uma arma; na manga, um pequeno segredo. Retrucou:

— Ora, desde sempre o monstro de areia fez-se presente. Antes de você nascer. Antes de sua matriz existir. Antes da humanidade cismar em pôr os pés neste mundo. Você devia estar acostumado, afinal, é o nosso lar.

A nuca do carcereiro estava fora do ângulo de visão, todavia, o prisioneiro pôde ler nome dele costurado na frente do bolso do traje:

"JONAS 01495 — @EL3g2M3y"

"01495!"

Rodney 00023 surpreendeu-se. Nunca encontrara alguém de uma série tão antiga assim. No máximo, em torno dos setecentos, o que já era muito. Certamente, havia um Jonas na astronave *Colombo*, entre os primeiros colonizadores, talvez na própria matriz — os embriões, antes do início das séries

—, quando os indivíduos eram únicos e os conglomerados na Terra abandonaram suas cidades flutuantes. Os historiadores denominaram aquilo de a Grande Diáspora. Na época, receberam auxílio de autômatos e da legendária inteligência artificial que tornara tudo possível: *Jade*. Como seriam esses autômatos? Os registros mencionavam vagamente ter existido várias espécies e formas, cada qual cumprindo uma determinada finalidade, porém, foram destruídos em Eurídice após a Grande Revolução Cibernética. Segundo os Dirigentes Supremos, as máquinas almejavam poder em demasia sobre a humanidade. Dessa forma, *Jade* fora calada para sempre. Quase tudo o que dizia respeito aos autômatos e a *Jade* fora vetado num regime de censura. Seja como for, seus princípios constituir-se-iam no cerne a partir do qual as séries de clones teriam origem, e ocupariam o planeta em sucessivas gerações. Homens em série. Existia, certamente, uma ironia histórica nisso.

Para Rodney 00023, a história da colonização possuía vital relevância, especialmente após os últimos eventos. Contudo, de imediato, sua preocupação era outra: o monstro de areia. Balançou a cabeça, aflito.

— "Lar"... Lar?

Não queria mais fitar para além da janela, todavia, sentia-se hipnotizado por ela, por aquele olhar turvo, pela densa onda de escuridão que se aproximava. Era um misto de terror e fascinação.

— Nem quando criança, nem agora, nem nunca. Eu jamais me habituei a isso.

— Nesse caso, você tem um problemão... Além de estar preso.

O jovem observou seu carcereiro, procurando detectar alguma ironia, um gracejo nos traços rudes dessa relíquia dos geneticistas. Não encontrou nada além de frieza e, talvez, um pouco de falsa piedade.

O homem fardado acendeu um cigarro. Ofereceu outro ao prisioneiro, mas este recusou. Prosseguiu:

— Conheço gente como você, eternamente perdido. Vi ou ouvi em algum lugar que um psicólogo denominou isso de "Síndrome da Velha Terra" ou "Fobia da Areia". — Deu uma longa tragada, pensativo. — Já se perguntou o porquê dessa gente adorar inventar rótulos desse tipo? Não? Desse modo, podem imprimir seus nomes nos anais da Ciência... Bom, não sei como é ser assim. Como é ter saudade de um planeta que nunca conheceu? É esse o seu caso?

Não houve resposta.

Jonas 01495 desviou a atenção do cigarro para o prisioneiro.

O olhar estarecido do jovem estava preso à janela.

A precoce escuridão avançava do outro lado do círculo, apagando o céu cor de laranja.

O uivo do vendaval era mais forte e, agora, sobrepujava o som do alarme.

O carcereiro repetiu mais alto para ser ouvido:

— É esse o seu caso?

Rodney 00023 sobressaltou-se.

— A-a-acho que está mais para a Fobia da Areia.

— Eu sabia! — Deu nova tragada. — Imagino ser um inferno passar a vida inteira pisando em ovos, o rabo entre as pernas, a espera do teto desabar sobre a cabeça ou ser sugado pela tempestade.

O jovem estremeceu.

"Inferno é ficar ouvindo isso!"

O monstro aproximava-se mais e mais.

"Eu contei tudo. Venha me buscar!"

2 - SOMNIA

O homem de preto chegou mais perto das grades. Procurando soar paternal, disse em tom de conspiração:

— Já experimentou usar *somnia*?

De um compartimento oculto na manga esquerda da farda, retirou um cartãozinho amarelo. Nele, estava impresso um curto código de acesso.

Rodney 00023 sentiu imediatamente um leve odor semelhante ao de capim-limão.

O carcereiro insistiu:

— Posso liberar um pra você. — Piscou. — Cortesia da casa.

O prisioneiro fez uma careta, torcendo o nariz. Ele era jovem, e, embora tivesse uma aparência mirrada e ingênua — alguns diriam tola — já ouvira falar inúmeras vezes do indutor virtual.

Apesar de *somnia* ser um antiquíssimo vocábulo de uma palavra plural¹, seu uso popular, frequente e errôneo no singular, enquanto marca, virou uma tradição em todo o planeta.

O *somnia* permitia ao usuário induzir o córtex cerebral a criar todo um cenário paradisíaco e um enredo crível e compatível, de modo a desligá-lo completamente do mundo real. O consumo aumentava exponencialmente durante as tempestades de areia sazonais, permitindo à pessoa fugir do horror que estas lhes causavam. Contudo, tornava-se

rapidamente viciante, sendo que alguns passavam a consumi-lo regularmente por razões tão banais quanto fugir à solidão ou às tribuções nos subterrâneos. No início da colonização, quinhentos anos atrás, apesar das alegações de seus criadores quanto ao uso medicinal do componente básico, logo o *somnia* tornara-se proibido nas colônias. Ao menos em teoria. A clandestinidade só aumentara a sua difusão, cuja fonte era um mistério. Conforme a frequência, o induzido — ou *sonhador* — tornava-se cada vez mais alheio à realidade, tendendo a esquizofrenia, alucinações permanentes, violência e loucura. Danos cerebrais irreversíveis já foram constatados. Inúmeros foram levados a óbito. Certos *sonhadores* diziam ser esse um mal menor diante de um mundo que, para eles, fora opressivo desde o nascimento. Seu lema era: "Se tinha de morrer, que fosse sorrindo".

O carcereiro brincava com um dos cartõezinhos.

"Então, você é um repassador de *somnia*", pensou Rodney 00023.

O número deles aumentara significativamente nas últimas décadas como se uma comporta tivesse sido escancarada. Estavam infiltrados nos mais variados setores da sociedade euridiciana diante da perspectiva de lucro alto, rápido e fácil. Não importava a idade, a série, a função, a situação econômica, a aparência, o local: estavam lá.

Bastava dissolver o cartãozinho amarelo na boca, fechar os olhos e ver surgir o campo para a inserção mental do código de acesso. Feito isso, era só

¹ Do latim: sonhos. Singular: *somnium*.

relaxar, desapertar o cinto e iniciar a "viagem".

— E então? — insistiu o homenzarrão. — Vamos sonhar? Tem de vários sabores...

— Não posso — respondeu o jovem. — Sou alérgico à virtualmina.

Virtualmina era o principal ingrediente do *somnia*. A ela era atribuído o aroma de capim-limão. Um pequenino percentual da substância continuava a ser utilizado em alguns remédios.

Rodney 00023 descobrira sua alergia da pior forma, ao tratar uma infecção urinária. Não bastasse a constante sensação de urinar gilete, sua pressão subira às alturas, os batimentos cardíacos dispararam, caimbras atacaram a maioria de seus músculos. A cabeça dera a impressão de explodir. Achara que fosse morrer miseravelmente feito um verme esmagado por uma bota.

Jonas 01495 deu de ombros, desapontado. Devolveu o cartãozinho para o esconderijo na manga.

— Azar o seu, garoto. Agente firme a tormenta. Teve gente que terminou doida, não sabe? Pelo menos com o *somnia*, a loucura, se vier, será boa. É o que dizem...

Corpos já foram encontrados nos níveis inferiores após um desmoronamento. Não obstante as rochas terem-nos esmagado, alguns, cujas cabeças permaneceram intactas, exibiam expressões de felicidade. Algo terrivelmente cômico e tétrico ao mesmo tempo.

O jovem tentou sorrir, todavia, o rosto magro e pálido só conseguiu esboçar uma careta.

— Quem disse não deve ser viciado — falou.

O ruído da areia persistia, arranhando e arranhando, querendo entrar, pegar, consumir. Era como se o vendaval chamasse: "Venha... Venha... Venha..."

Rodney 00023 estremeceu. Cada fibra de seu corpo desejava fugir dali, entretanto, estava confinado àquela cela. E, para além dela, não tinha onde ir.

"Todos nós trazemos um pedaço do inferno dentro da gente. Mas, aqui, o inferno sempre surge a nossa procura."

Para ser sincero, mais de uma vez o jovem prisioneiro desejou não ser alérgico ao indutor virtual. E, ao menos em uma ocasião, por pouco não esteve a ponto de colocar um dos malditos cartõezinhos amarelos na boca, custasse o que custasse.

Lá fora, a tempestade de areia aproximava-se rapidamente.

"Venha... Venha... Venha..."

3 - EFEITO DE MARÉ

A mortalha espessa despontou no horizonte.

Devorou o sol e Orfeu como se absorvesse toda luz e toda vida.

Trouxe a ruidosa noite sem estrelas e o engasgar de um grito de desespero.

A sensação era a de ser enterrado em vida sob o clamor da borrasca, onde ninguém responderia aos apelos, choros e gritos.

Dir-se-ia haver uma consciência por trás daquilo, uma intenção, uma malevolência. Procurava arrancar o ar dos pulmões e fazê-los queimar por dentro, devido à poeira e aos grãos abrasivos. Quanto aos incautos apanhados de surpresa, estes não tinham

escapatória. Vários já haviam perecido a poucos metros do abrigo. De tão forte abrasão, seus corpos não tardavam a perder a carne, o sangue, ter os ossos corroídos e somarem-se à tempestade. Por isso, entre as inúmeras lendas contadas, dizia-se que o uivar do vento seriam os lamentos desesperados daqueles que morreram. Muitos adultos continuavam a acreditar nisso pela vida afora.

Apesar de todos os mitos e superstições, as tempestades de areia eram previstas, sazonais, e todos conheciam os caprichos do clima desde o berço. Viam-se avisos por toda parte e através de todos os meios de comunicação. Nas escolas, o assunto era tão martelado nos ouvidos das crianças e adolescentes quanto as propagandas políticas a apregoar as virtudes dos dirigentes. Situações de emergência eram ensaiadas de tempos em tempos.

E tudo se originava da gravidade.

Tão simples quanto um punhado de areia a escorrer das mãos para o solo.

Podia-se sentir o monstro no próprio organismo como uma percepção extra: a incrível força de maré provocada em Eurídice por seu irmão gêmeo, Orfeu. Percebia-se na corrente sanguínea, no cérebro — cuja constituição era em sua maior parte água. Vinha na forma de um enjôo, enxaqueca, vertigem, até alucinações. A bile revolteava-se nas entranhas. Desmaios não eram raros. E todos se preveniam da melhor maneira, vedando-se em seus abrigos cupulares ou subterrâneos, nas máscaras de seus trajes herméticos, nos túneis ou nos veículos que utilizavam — para aqueles obrigados a exercer alguma atividade no exterior durante essa perigosa fase. Além do uso de várias pílulas de analgésico ou contra a

gastrite ou soníferos. Aqueles que recorriam ao *somnia* para atravessar o período, faziam-no na incerteza do despertar. Sim, o efeito de maré era responsável por tudo isso conforme ocorria na antiga Terra, mas, neste caso, em menor intensidade, quando fazia subir e baixar o nível dos oceanos. Regular feito um relógio a medida em que Orfeu, azul, brilhante e enorme no céu, cumpria a sua jornada a cada rotação de Eurídice, ambos a orbitar o centro comum de gravidade numa valsa eterna.

Orfeu e Eurídice, o planeta duplo.

Sim, alguém de espírito poético — senão sarcástico — assim os nomeara tão logo foram alcançados cerca de quinhentos anos atrás, preservando a imemorable tradição dos nomes mitológicos.

Orfeu e Eurídice.

Uma história de amor fadada à tragédia através dos tempos.

Unidos e separados pela eternidade, assim como os planetas aos quais viriam dar seus nomes.

4 - ORFEU E EURÍDICE

RELATÓRIO AG-@0519

ASSUNTO: Mitologia

Antiga/Planeta Terra

FONTE: Biblioteca

Geral/Conglomerado Vespúcio

AUTORIA: Banco de Dados

JADE 18:25

De todas as artes providas pelos antigos deuses, nenhuma atingia a alma de uma forma tão pungente quanto a música. Ela fazia vibrar a alma como as cordas de um instrumento. Havia uma cadência, uma sintonia. Em regozijo, o espírito desprendia-se do corpo. E o

ser viajava por entre campinas e oceanos, vales e montanhas, acompanhava as folhas secas de outono e a aurora da primavera sem sair do lugar.

Era um dom dos deuses.

E Orfeu, o príncipe trácio, sem ser propriamente um deus, herdara esse dom de sua mãe, a musa Calíope.

Naquele tempo era assim, os homens por si não eram nada além de peões no tabuleiro de vaidade dos deuses, todavia, se parte de sua origem fosse divina, então, quem sabe, teriam a boa fortuna em receber alguma das virtudes celestes.

Fora assim com Orfeu.

E, para dar vazão ao seu talento, recebera das mãos do deus Apolo — que o amava feito um filho — uma lira.

Ao fazer desfilar seus dedos sobre o instrumento, tão divina era a melodia que dele extraía que os animais selvagens paravam para ouvi-la. Então, seguiam-no graciosamente, embalados pela música, esquecidos de seus ferozes instintos. O próprio vento dançava sob aquelas notas, suspirando entre as árvores, fazendo traçar na relva contornos melódiosos em longos e sinuosos desenhos. Dizia-se que até as rochas acompanhavam Orfeu e, onde ele parasse, elas formavam um grande círculo ao seu redor. Os rios mudavam seu curso ou deixavam de correr para, assim, poderem acompanhá-lo.

Tal era a influência de sua lira, tão bela e divina era a sua música.

Chegou a utilizar seu talento na nau Argo em sua expedição à Cólquida. Animou e apaziguou os ânimos dos heróicos tripulantes sob o comando de Jasão. Salvou-os das sereias, superando com sua música o irresistível feitiço do canto dessas criaturas.

Um dia, porém, ele — que a todos apaixonava — terminou vítima da paixão.

Para isso, não foi preciso uma música especial, um canto de sereia sedutor.

Bastou-lhe a visão daquele rosto, daquele caminhar, daquela mulher.

A ninfa dos bosques.

A bela Eurídice.

Para tornar completa a sua desmedida felicidade, ela correspondeu.

Todavia, a beldade também atraiu o olhar cobiçoso de um apicultor de nome Aristeu, filho de Apolo e da ninfa Cirene.

Orfeu e Eurídice casaram-se, porém, isso não deteve as investidas de Aristeu sobre a jovem e, diante da recusa desta, perseguiu-a através dos campos, onde ela acabou picada por uma vibora e veio a falecer.

O trácio foi consumido pelo desespero.

Tão grande era o seu sofrimento que ele atreveu-se a descer às profundezas do reino dos mortos a fim de resgatá-la, empreitada esta jamais tentada por mortal algum.

Sua música seduziu as criaturas do mundo subterrâneo. Cérbero foi embalado. A sede de Tântalo foi ignorada. As Fúrias choraram. O próprio senhor dos mortos, Hades, e sua esposa, Perséfone, ficaram encantados. Dessa forma, Hades devolveu Eurídice a Orfeu. Todavia, impôs uma simples condição: Eurídice seguiria o amado até a superfície, mas Orfeu não deveria olhar para ela até que ambos emergissem à luz. E, assim, o jovem casal pôs-se a caminho. Orfeu caminhava à frente, seguido pelo silencioso espírito de Eurídice.

Quando, finalmente, o tocador de lira alcançou a superfície, impaciente e cego de paixão, olhou para trás a fim de certificar-se que sua amada o seguia. Sim, ela estava lá, linda e etérea, porém, ainda não terminara a sua jornada, imersa nas sombras da caverna.

Descumprido o trato e, diante dos olhos exasperados de Orfeu, Eurídice se foi.

Enquanto evanesceu, ouviu-se o som de sua voz: "Adeus". Desse modo, ela retornou ao reino dos mortos de onde nunca mais sairia.

Em desespero, corroído pelo remorso e o sentimento irremediável de perda, Orfeu vagou

sozinho pelas florestas, até um dia ser assassinado por um grupo de mulheres, as ménades, a quem desprezara. E, após atirarem sua cabeça na veloz corrente do Rio Hebrus, esta seguiu o curso das águas a chamar e chamar pelo nome de Eurídice.

Nessa trágica história de amor, a infelicidade que o casal teve em vida encontrou um consolo final, reunindo seus espíritos na morte através da Eternidade.

5 - AFORTUNADO

Houve um leve tremor das paredes, acompanhado de um som rascante.

E o prisioneiro, em seu íntimo, soube: o monstro chegou.

Um clarão ofuscante, seguido imediatamente do estrondo do trovão, confirmou sua presença. O teto abobadado da cela estremeceu. A luminária piscou. Do lado oposto às grades, um copo descartável caiu de uma mesinha.

Até o carcereiro, Jonas 01495, pego desprevenido, assustou-se, deixando cair o cigarro. Esbravejou uma obscenidade qualquer, enquanto levava uma das mãos aos cabelos.

Por um breve momento após o relâmpago, a escuridão do céu esmaeceu e o vago contorno de Orfeu surgiu na janela, um pouco mais alto do que momentos atrás, cintilando sua fria luz sobre Eurídice.

Um olhar fantasmagórico, turvo e sobrenatural.

O homem mais robusto apontou para além do círculo da janela:

— Por isso, você foi para lá, mesmo sabendo ser proibido, para fugir à tormenta?

Rodney 00023 levou algum tempo para responder. Suas mãos tremiam. Muita coisa passava por sua cabeça, cenas de um outro mundo, distante daquela cela e da horrorosa tempestade do lado de fora. Horrores aqui. Horrores lá. Disparos de armas. Formas hostis. Criaturas horripilantes. Odores de decomposição. Não, não era um mundo mais acolhedor, apenas diferente. Como a alergia à virtualmina, descobrira isso do pior jeito ao lado de outras tão ou mais pavorosas implicações.

— Não exatamente — falou.

— Conte-me a sua história — pediu o homem fardado, enquanto tirava outro cigarro do maço.

— É uma longa história — gritou o jovem, a fim de ser ouvido.

O outro deu de ombros.

— E daí? Pretende ir a algum lugar?

O tom de deboche do carcereiro fez o prisioneiro recordar-se de um outro homem e, contrariando o seu temor, sorriu.

— Nem eu e nem os meus "olhinhos infantis".

— O que disse?

— Nada não.

Ele também sorriu por um outro motivo: apesar da pose, percebera na atitude do sujeito corpulento que, no íntimo, este também nutria o seu pavor particular pela intempérie. Quem não temeria? E o desejo de conversar, tanto quanto o de fumar, não passavam de disfarces, um modo de amenizar aquilo que era inevitável tanto lá fora quanto dentro de si: o seu próprio quinhão do inferno. Provavelmente, supôs Rodney 00023, não fazia uso de um dos seus cartõezinhos agora por ser seu turno de trabalho.

Sem se dar conta dos pensamentos do prisioneiro, Jonas 01495 emendou:

— Para alguém desmilinguido de sua série, você foi corajoso, admito.

Bobo, mas corajoso. Todos sabem que Orfeu deveria ter tido um outro nome: Tânatos, a morte. Não há tempestades de areia por lá, mas e quanto aos furacões? E os maremotos? E o risco de doenças? Ei, você não deveria estar em quarentena?

Foi a vez do prisioneiro dar de ombros.

O homem mais velho imitou-o.

— Bom, se devia, agora Inês é morta. Onde eu estava? Ah, sim, você foi afortunado, garoto. De todos os que se atreveram a pisar naquele planeta, até onde eu sei, foi o único a retornar inteiro. Há algo mortal por lá. Daí a minha curiosidade.

A manta negra da tempestade encobriu a Cidade de Areia. Escureceu tudo, gerando uma descomunal descarga elétrica após a outra, arrastando e arrasando tudo o que podia em seu caminho. Areia foi vitrificada; antenas, despedaçadas; um trator, incendiado.

O barulho chegou a um ponto que não havia como alguém ouvir o alarme ou os gritos do prisioneiro. Ele tapava os ouvidos e pressionava a própria cabeça como se desejasse esmagá-la.

"Afortunado?", pensou em meio ao desespero. "Afortunado?!"

— POR ZEEEUS!... Venham me pegar!

— Quem vem te pegar? Controle-se! — gritou o carcereiro.

Rodney 00023 aguardava sua sentença ser prolatada. Mas não era com isso que se importava: nascer, crescer e viver em Eurídice sempre fora a sua pena desde que se entendia por gente. Sua

prisão de fato somente aumentara o castigo. E nada poderia ser feito para alterá-lo. Todavia, em meio ao desalento, buscou na memória forças para atender ao homem de farda preta, pois, se este necessitava de algum conforto, muito maior era a necessidade do jovem.

Assim, afastando-se da janela, tateou até as grades da cela. Ofegava. A cabeça doía. Encostou a testa no ferro frio e, perto do ouvido do outro, passou a narrar a sua inacreditável aventura.

— "Afortunado" você disse? — começou.

— Também sei falar difícil...

— O relato é bastante comprido e eu sou metódico.

— Temos tempo...

— Pois bem.

O prisioneiro pressionou as têmporas.

O odor do tabaco ordinário até que não era ruim. Conversar tampouco.

Contar a sua história não seria como pintar um quadro ou viver no mundo virtual do *somnia*, entretanto, teria de servir.

Fitou atentamente a luminária no teto. Sorriu ironicamente, pensando por onde começar.

E, assim, no caos da tempestade de areia, Rodney 00023 cerrou os olhos e mergulhou na memória para alento de ambos.

Lá fora, o fragor prosseguia inclemente, uivando e uivando, enlouquecido e enlouquecendo, qual um milhar de vozes perdidas, um coro maldito saído do inferno.

6 - VINTE E DOIS

Meu nome é Rodney 00023 —
@53YkM375.

Pelo número, percebe-se que a minha série é recente. E, pela minha constituição, vê-se que fomos criados para serviços leves, administrativos, intelectuais ou artísticos.

Embora cada elemento de uma determinada série só seja incubado após o elemento anterior ter perecido, face os rigorosos critérios de controle da população, houve um erro excepcional no meu caso.

Eu conheci o meu antecessor e, assim, consideramo-nos irmãos.

Sim, é verdade!

Conheci Rodney 00022 —
@52YkM374 ou, como o apelidei e ele não se importou, Vinte e Dois.

Eu sei, eu sei... Foi uma chance em um milhão. Um dia, ainda adolescente, perdi-me nos túneis do Nível 1 e entrei acidentalmente em um bar. Num canto do balcão, lá estava ele. Foi Vinte e Dois quem correu na minha direção após alguém cutucá-lo e, segurando-me pela cabeça, verificou a tatuagem.

— Não acreditou! — falou.

Houve risos, canecos erguidos, brindes e pilhérias.

Alguém lhe disse que estava me estrangulando e ele me soltou.

Confirmada a série, sua reação foi da surpresa à preocupação. A maioria de nós fantasia como seria tal encontro, a sensação de estar diante de um reflexo vivo do espelho, um clone, idêntico código genético, porém mais velho, a estranheza que isso causaria. Eu tive esse privilégio, embora, a princípio, sentisse medo. Ele tinha exatamente o dobro de minha idade naquela época.

Em outros tempos — e conforme a lógica fria e desapiadada que criara

todas as séries após a Grande Revolução Cibernética — Vinte e Dois seria imediatamente eliminado após eu nascer, ou, no caso, após confirmada a minha existência já menino. Todavia, o Serviço de Segurança não só permitiu a ele sobreviver, como deixou que convivêssemos. Um tipo de experimento, suponho. Mais tarde, soubemos que não éramos um caso único. A princípio, acreditei que essa flexibilização iniciara-se após a melhoria das colheitas subterrâneas, nos pomares hidropônicos e o sucesso no cultivo de carne sintetizada. Depois, descobri que o interesse no aumento da população tinha outras raízes. Seja como for, sorte a nossa! Mas eu nunca encontrei outro par de clones como nós.

Embora geneticamente idênticos, possuíamos temperamentos distintos. Eu sempre fui o mais franzino, tímido e temeroso. As tempestades sazonais tampouco ajudaram a melhorar a minha personalidade retraída, pelo contrário, moldaram-na, e, se eu sou assim, amedrontado feito um roedor acuado, devo muito a elas. E sempre as amaldiçoei por isso. Já Vinte e Dois tinha uma tolerância bem maior e procurava confortar-me nesses períodos.

— Invoque o astro-rei —
aconselhou.

— O quê?

— Grite para ele — insistiu. —

Para afugentar o medo e as tormentas.

— Gritar o quê?

— "POR ZEUS"!

— E funciona?

Ele sorriu.

— Depende.

— Depende do quê?

— Se Zeus irá ouvi-lo ou não, irmãozinho.

A mulher designada para me criar e que também passou a auxiliar Vinte e Dois — minha "mãe" —, Maria 00098, nunca fez segredo de que gostaria de ter nascido na Metrôpole das Dunas, a maior colônia setentrional, mais rica e desenvolvida do planeta, dotada de melhores recursos naturais e tecnológicos, a qual cultivava, inclusive, o seu próprio dialeto. Seus habitantes, apesar da origem comum de todos nós, não faziam questão de misturar-se às demais colônias e nem compartilhar seus progressos. Mantinham uma atitude *blasé* como se não passássemos de seres inferiores, iletrados, preguiçosos, úteis somente para consumir seus produtos e exercer os serviços mais básicos entre aqueles a quem a migração foi permitida. Não vou mentir que não existam certas pessoas na Cidade de Areia que façam jus a essa má fama, todavia, conforme falava Vinte e Dois: "Toda generalização peca pelo excesso". Não preciso dizer que a maioria das pessoas não compartilhava do apreço de minha mãe aos nortistas. Havia sempre uma tristeza no fundo de seu sorriso.

Na escola, sofri bastante *bullying* por ter um irmão. Vinte e Dois nem tanto em relação a seus colegas de trabalho, pois, ao contrário de mim, era impetuoso, sabia impor-se. Era programador e analista de sistemas, mas também gostava de puxar um ferro. Defendeu-me diversas vezes.

O que minha mãe ou meu irmão têm a ver com minha aventura? Ela, nada. Simplesmente, eu quis mencioná-la. Quanto a Vinte e Dois, foi a razão de tudo. Deixe-me contar do meu jeito, do modo que eu sei.

Atualmente, eu respondo a um processo por transgredir uma de nossas

leis mais básicas: viajei — "invadi" foi o termo utilizado — a Orfeu. Durante séculos, o planeta tem sido considerado um santuário, uma reserva ecológica. Entretanto, somente esse motivo não basta, não convence. Foi muito mal explicado o porquê dele ter sido depreciado para a implantação de uma colônia.

Apesar da atmosfera rarefeita nas áreas habitáveis, Orfeu possui abundância de água e, segundo constava em relatórios antigos, hoje vetados, uma rica fauna e flora nativa. Pesquisas preliminares através de sondas automáticas demonstraram que o seu solo era fértil, capaz de suportar e nutrir a vegetação da Terra. Seus vastos oceanos seriam fontes preciosas de alimentos, água, hidrogênio, oxigênio, minerais e combustíveis fósseis.

Então, por que colonizamos os desertos de Eurídice?

Como sei de tudo isso? Ora, meu irmão ensinou-me alguns truques no computador. Assim, consegui acessar certos arquivos censurados pelos dirigentes. Aliás, essa é outra das acusações que eu enfrento. Também obtive dados preciosos através do homem que foi o meu guia em Orfeu, do qual falarei mais adiante.

Mas isso não afasta a questão básica: por que submeteram os colonos e seus clones a essa aridez implacável e suas malditas tempestades globais de areia?

Vinte e Dois instruiu-me em muitas coisas.

Sua ausência levou-me a aprender muito mais.

Mais do que eu deveria.

Mais do que qualquer um gostaria de saber.

7 - PROIBIDA A ENTRADA

O carcereiro pestanejou:

— Caraca, eu sempre fantasiei como seria encontrar outro de mim por aí. Cheguei a investigar. Descobri que Jonas 01494 foi um explorador.

Trabalhou alguns anos no Desfiladeiro Colombo, atrás de jazidas minerais.

— O que aconteceu?

O homem fardado tornou a dar de ombros.

— Deixou de dar notícias um dia.

Ficaram na dúvida se ele se perdera, sofrera uma queda e quebrara uma perna ou fora atacado por algum animal.

Levaram semanas até encontrar seu corpo, o que retardou a minha incubação, mas encontraram.

— Como morreu? — indagou o rapaz.

Jonas 01495 deu de ombros mais uma vez.

— Pelo estado dos ossos e os rochedos em volta, concluíram que foi avalanche. Somos de uma série robusta, porém, não há quem resista a toneladas de pedras. Se conhecesse ele, certamente iríamos competir para ver quem seria o melhor numa briga. Talvez a gente até se matasse!

"Um de você já é mais do que o suficiente", pensou o prisioneiro, contudo, foi prudente ao conservar o comentário consigo. Mas agarrou o fio da meada deixado pelo outro.

— Foi exatamente o que eu temi no início: que Vinte e Dois me matasse. Isso não seria descabido, pois, até onde sabíamos no início, somente um de nós deveria existir. Seria a única forma dele garantir a própria sobrevivência.

— Tipo Caim e Abel?

Rodney 00023 assentiu, surpreso ante o conhecimento do outro.

— Mais ou menos. Felizmente, como pode ver, tal não ocorreu. A permissão do Serviço de Segurança de convivermos assegurou isso de vez. Quanto a proibição de ir a Orfeu...

O homem mais velho intrometeu-se:

— Ora, você mesmo forneceu a resposta, garoto, a qual não acho descabida: Orfeu, por ter mais vida própria, foi transformado em reserva. Não terraformizaram pois, além de ser um processo demorado, destruiria a maior parte das espécies locais. É o que garantiram os dirigentes.

Nova surpresa.

Para alguém aparentemente pouco instruído, o sujeito era surpreendentemente bem informado.

Rodney 00023 repreendeu-se, atribuindo sua atitude ao preconceito inerente a cada série.

"Bem que Petrus comentara sobre os estereótipos", pensou.

Do lado de fora, a tempestade prosseguia.

Bramia sem cessar.

A areia abrasiva raspava e lixava o topo das cúpulas e toróides da Cidade de Areia.

Várias esferas rolaram em meio às dunas: criaturas nativas que aproveitavam-se da fúria do vento para locomoverem-se a longas distâncias com o menor dispêndio de energia.

Relâmpagos rasgavam o céu naquela escuridão sem estrelas.

Trovões faziam as paredes tremerem.

Afortunados daqueles que dispunham de aposentos a prova de som.

Era um luxo raro, geralmente reservado aos dirigentes na sede do governo.

Rodney 00023, sentado junto à grade, meneou a cabeça.

— "Reserva"... Sim, foi o que nos ensinaram. Com o tempo, transformaram em leis, artigos, incisos, parágrafos, emendas e medidas provisórias. Eu chamaria de dogma: uma crença sem apuração da verdade. "Proibida a entrada", ponto final. Adicionaram a isso o medo doentio por feras e patógenos desconhecidos. Muitos crêem até hoje ser o planeta contaminado pela peste e, quando adoecem, atribuem isso aos germes trazidos de Orfeu pelo vento solar.

O homem mais velho riu, expondo seus dentes amarelados.

— A "Gripe Orfeana".

— Exato! Não se podia sequer cogitar de orbitar o planeta, que se dirá de desembarcar lá. Até aos cientistas foi vetado essa regalia. Após as primeiras explorações oficiais, tripuladas ou não, ao que se saiba, nenhuma outra jamais foi enviada. Nunca achou isso estranho?

O carcereiro voltou a dar de ombros, um cacoete agora familiar.

— Aprendi que Orfeu é bastante hostil. Quanto a peste, por que não? Não creio nesse negócio do vento solar, mas vai saber quantos micróbios não existem por lá. Talvez haja algum tipo de lagarto ou planta venenosos.

O jovem, habitualmente tímido, discordou, nervoso e impaciente.

— Eu estou aqui. Tenho algum furúnculo? Estou espirrando? E não, não me botaram em quarentena.

— Sei lá! Mas, e quanto a ciclones, maremotos, vulcões ou tornados? Tirando você, ninguém retornou. Por

isso, eu quero saber. Como conseguiu? Logo você, um espirro de gente...

O prisioneiro levou a mão à testa, expressão de dor.

— Correção: não fui o primeiro e nem o único a retornar de Orfeu.

O homenzarrão fez-se surpreso.

— Não?!

— Aqueles que o fizeram não saíam por aí a bater no peito, contando vantagem. Ao contrário de mim, foram espertos o suficiente para não serem descobertos.

— Como sabe disso?

Em resposta, um relâmpago clareou a cela, seguido, segundos depois, do trovão.

A luminária vibrou por instantes.

Rodney 00023 engoliu em seco.

Falou:

— Curioso você ter mencionado plantas venenosas...

8 - DESAFIO

Também sou acusado de ter invadido Orfeu para caçar. Um crime muito mais grave.

Levei armas? Claro que levei! Matei criaturas nativas? Sim... SIM! Eu matei em defesa própria. Claro que isso não foi levado em conta. A promotoria adorou dar asas à imaginação no conforto de sua poltrona, onde podia remexer o traseiro flácido e inventar suposições travestidas de verdade. Todavia, não a culpo de todo. Apenas cumpriu o seu papel no palco do tribunal e conforme os ditames da legislação. Se tivesse acontecido com outra pessoa e, diante de evidências similares, talvez eu pensasse o mesmo, pois, apesar dos riscos, todos nós sabemos que existem

aqueles dispostos a corrê-los e pagar o preço na esperança de uma recompensa maior.

Confiscaram a nave, meu traje, minha carga, tudo. Jamais poderei pilotar qualquer coisa, sair da Cidade de Areia ou sequer caminhar sozinho entre as montanhas nos dias calmos. Estou sendo otimista, claro, supondo que viverei até amanhã.

Não importa.

Neste momento, estou sim: vivo. E, aceitem ou não, tenho a minha versão do ocorrido. Eu estava lá. Eu vi o que vi.

Quer saber? Na realidade, prestarei um serviço à sociedade em geral e à Ciência em particular.

Mistérios de quinhentos anos foram solucionados.

Quais? Paciência. No devido tempo. Somente ouça.

Não, isso não está nos autos. Para quê? Por quê? O julgamento já fora feito antes da audiência iniciar e, estou certo, a sentença também. Só estão aguardando as formalidades.

Foi por volta de meio milênio atrás que a astronave *Colombo*, originária do Conglomerado *Vespúcio*, atingiu nosso sistema solar e sua estrela, convenientemente chamada de Zeus. O Dirigente Supremo na época — ou seja lá qual fosse o título — devia admirar a mitologia grega. De todos os planetas e luas, o planeta duplo Orfeu-Eurídice era o que orbitava dentro da zona habitável.

Eu sei, eu sei... Estou sendo óbvio ao repetir dados históricos que a maioria conhece. Deixe-me fazer assim. Eu falei: sou metódico. É o meu jeito de organizar as idéias na cabeça e contar a minha história.

Eurídice é o nosso planeta desértico, habitado por algumas centenas

de espécies nativas, a superfície coberta em sua maior parte por dunas de areia, fendas, rochedos estéreis e algumas porções de gelo e mares rasos na altura dos pólos.

Já Orfeu é quase todo coberto pelos oceanos. Do pouco que é oficialmente sabido, as ilhas mais baixas são completamente nuas e as áreas continentais possuem os picos mais elevados de todo o sistema solar. Ora, sendo a água vital à sobrevivência, não foi estranho terem relegado Orfeu a um segundo plano? Alguns figurões da *Colombo* tacharam-no de santuário. Justificaram que Orfeu abrigava formas de vida muito raras, peculiares e sensíveis à interferência externa. Em vez de nos contaminarem, *nós* é que poderíamos contaminá-las. Poder-se-ia dizer tratar-se de um argumento razoável, uma lição aprendida a duras penas depois de tudo o que a humanidade fizera na Terra. Seria assim, caso não soubéssemos serem essas características excepcionalmente raras diante do padrão geral do ser humano e dos políticos em particular. Ademais, a sobrevivência da espécie humana encontrava-se em jogo! Desde quando nos preocupamos com outras espécies? Olhe o que fizemos na Terra! Orfeu era a escolha óbvia. Eurídice, face aos monstros sazonais, inviabilizou a utilização das Cidades-do-Céu. Sua escassez de água levou-nos ao selecionamento genético e à rigidez no controle dos seriados.

A curiosidade humana sempre foi um dos instintos mais aguçados e, de resto, impulsionou-nos às estrelas. Não estirparam isso durante a manipulação dos genes. Qualquer "mãe" que se preze sabe que dizer a uma criança para não fazer tal coisa é o mesmo que estimulá-la

a fazê-la. E o que são os adultos senão o lado mais estúpido e perigoso de uma criança?

Havia pessoas dispostas e poderosas a pagar grandes somas por amostras diversas de Orfeu: empresários, industriais, até cientistas.

Animais raros — vivos ou mortos — representavam muitos créditos para os aventureiros, oferecidos por colecionadores particulares, museus sem escrúpulos, pesquisadores farmacológicos e outros. Queriam saber quais aplicações teriam as diferentes substâncias obtidas de Orfeu e os lucros potenciais envolvidos. Nem estou falando dos minérios e daquilo que é mais óbvio e valioso: a água.

Homens rudes aceitaram o desafio principalmente pelo valor que iriam receber. Motivações secundárias foram o prazer de explorar um ambiente estranho, o prestígio que conquistariam no submundo da clandestinidade e a satisfação inerente a todo contraventor: burlar as normas e as autoridades.

Naves foram construídas ou roubadas.

A distância entre os planetas foi percorrida.

Como sabemos, nenhum dos primeiros aventureiros retornou.

Durante a quarta geração de exploradores ilegais, uma mensagem em código foi interceptada de Orfeu por um sujeito especializado em criptografia. A custo, decifrou a mensagem. O que ela dizia? O caçador em questão mencionava ter avistado criaturas imensas, pavorosas — *pesadelos ambulantes* foram suas palavras —, todavia, apesar do aspecto, mostraram-se tímidas. Não anexou uma imagem e tampouco preocupou-se na descrição. Era um bruto e não um

orador. A última informação dava conta dele estar partindo no encalço de uma delas. Nunca mais deu notícia.

A menção a *pesadelos ambulantes* deveria inibir novas tentativas, não obstante, estimularam-nas.

Homens corajosos e imprudentes viram-se, agora, diante de um verdadeiro e maior desafio.

Os honorários subiram significativamente.

9 - SALA SECRETA

Havia uma pequena sala nas dependências do presídio, pouco conhecida até de seus funcionários mais antigos. Ficava no subsolo, próxima ao aglomerado da sede do governo e adjacente aos laboratórios. Suas paredes espessas eram à prova de som. A luminosidade era fraca. De seu interior, nada se percebia da violenta tempestade de areia. Através de passagens ocultas, era possível acessar tanto o presídio quanto a sede do governo, os laboratórios ou o arsenal. Era um pequeno centro de comando dentro do comando da Cidade de Areia, conhecido por uma minoria a qual detinha o controle sobre a maioria. Situava-se distante dos blocos de celas, incluindo a cela de Rodney 00023, todavia, se necessário, havia um sistema de túneis de rápido acesso por monotrilhas.

Um homem de terno cinza estava sentado diante de vários monitores, medidores e dispositivos. Seu olhar era sério e compenetrado. Coluna ereta e braços rígidos sobre os controles.

O monitor central exibia a imagem de dois homens: Rodney 00023 e Jonas 01495.

Um vulto aproximou-se por trás do primeiro homem. Também trajava terno, porém, marrom. Era ligeiramente obeso e exalava a soberba típica de sua posição.

— Como estamos indo?

Sem desprender a atenção das telas, o outro respondeu:

— Bastou colocá-los juntos e o detento começou a tagarelar.

— Consegue ouvi-los?

— Com o troar da tempestade? De jeito algum, senhor!

Acionou um comando e uma algaravia intermitente invadiu o aposento.

O homem de pé fez uma careta.

— Desligue isso!

O outro obedeceu imediatamente.

— Não dá para distinguir o que falam — disse —, ainda que gritando um para o outro.

— E nossos aparelhos?

Aquele que se encontrava sentado diante do painel sorriu.

— Os leitores labiais captaram somente fragmentos, dependendo do ângulo das imagens. Inúteis. Porém, o filtro acústico sim. Levei tempo, mas, agora eu consegui modular e fazer a distinção dos ruídos.

— Mostre-me.

— Sim, senhor.

Acionou um comando tátil e, então, a voz do prisioneiro surgiu distorcida, mais grave como se tivesse inalado hexafluoreto de enxofre.

Contudo, era compreensível:

— *"... Homens corajosos e imprudentes viram-se, agora, diante de um verdadeiro e maior desafio..."*

O homem de abdômen proeminente ficou eufórico.

— É esquisito ver esse sujeito insignificante falar feito homem — riu. — Porém, está ótimo! Prossiga, grave tudo.

— Desculpe-me perguntar, senhor, mas ele não contou o que sabia durante os interrogatórios e as audiências? Não temos uma cópia do processo?

— Sim, temos a cópia dos autos e dos interrogatórios.

— Então...

O homem em pé esfregou uma mão na outra, olhos atentos à imagem do interior da cela.

— Eu só quero me assegurar de obter o máximo do que ele sabe antes de darmos um jeito. A experiência me ensinou: ninguém revela tudo. Seja na pressão do tribunal, sob drogas e até mediante tortura. Todavia, diante de um bom ouvinte, em particular, numa circunstância estressante... quem sabe?

— Entendi, senhor.

— Melhor seria se fosse outro detento, um dos nossos implantado, mas o diretor não nos atendeu. Aquele idiota! Restou esse guarda imbecil que nada sabe.

— Verdade, mas tem fama de xereta. Levou mais tempo, mas está funcionando, senhor.

— Sim, finalmente. Continue a monitorar.

— Mas... E quanto ao guarda?

— No devido tempo, cuidaremos dele também. Sabemos que é um repassador...

O homem mais encorpado, em pé, preparava-se para sair da sala, quando estacou.

— Outra coisa...

— O quê, senhor?

— Anote o diretor em nossa lista.

Investigue tudo o que puder sobre ele.

— Sim, senhor.

— Talvez seja o momento da série dele ter continuidade.

Uma abertura disfarçada na parede surgiu e o homem de terno marrom a atravessou. Depois, ela fechou-se e a parede ficou completamente lisa como se porta alguma existisse.

10 - O SUMIÇO DE VINTE E DOIS

A Cidade de Areia foi a primeira colônia instalada em Eurídice. Em pouco mais de um século, porém, devido a expansão demográfica outras surgiram: Sandópolis, Metrópole das Dunas, Eurudike e Jóia do Deserto. Embora tivesse sido a terceira colônia, Metrópole das Dunas logo suplantou as demais e, inclusive, a até então principal e maior colônia existente, a Cidade de Areia. Alguns diriam que fora afortunada por sua gente haver escolhido um local privilegiado geograficamente; outras, por implantar com rigor e competência um eficiente sistema de ensino e normas de conduta ante as adversidades do planeta. Fosse o que fosse, as melhores escolas e o menor índice de corrupção fizeram a Metrópole das Dunas progredir consideravelmente a ponto de seus habitantes tornarem-se um tanto fechados em relação as demais colônias. Muito voltados para si, apesar de seus avanços científicos e tecnológicos, negligenciaram a exploração espacial, concentrando recursos na maneira de extrair o melhor que Eurídice pudesse oferecer ao seu povo. Entre suas obras mais notáveis estavam os canais subterrâneos que, percorrendo centenas

de quilômetros, abasteciam a população com a água dessalinizada dos pólos.

Quanto a Orfeu, a sede do governo da Cidade de Areia criara um sistema de vigilância por meio de satélites, porém, a verdade era que não havia uma infraestrutura que permitisse agir com a eficiência pretendida. Podia parecer estranho, mas nem mesmo os setentrionais com a sua tecnologia superior, ar *blasé* e modismos diferenciados vigiavam Orfeu e Eurídice na totalidade, tanto as superfícies quanto o espaço que separavam os planetas.

Dispondo do veículo necessário e um mapa da posição dos satélites artificiais, driblar a vigilância não era um bicho de sete cabeças para um piloto hábil.

Imagino que fosse semelhante a cruzar a fronteira entre as colônias: sabendo onde atravessar, tendo os contatos necessários e quem molhar a mão, fazer contrabando ou transitar *somnia* de um lado para outro acabava sendo ridículo de tão simples.

Bom, onde é que Vinte e Dois e eu entramos nessa história?

Vinte e Dois, foi um dos últimos a desaparecer por trás das nuvens de Orfeu. A essa altura, cada um de nós vivia em seu canto. Fazia algum tempo que não nos encontrávamos e a notícia pegou-me de surpresa. O que ele fazia por lá? Por que teria violado a lei e ido até Orfeu?

Como eu soube de seu sumiço? Primeiramente, as autoridades bateram à porta de meu estúdio e fizeram diversas perguntas sobre ele. Não se mostraram satisfeitas e tampouco responderam as minhas dúvidas. Embora sem mandado, deram uma busca em meu apartamento sem dizerem o que procuravam.

Vasculharam gavetas, o meu computador e pediram minhas senhas. Aí achei demais.

Depois que foram embora, tentei entrar em contato com Vinte e Dois.

Não o localizei em parte alguma. Fui até onde ele morava. Estava tudo revirado. Um vizinho falou que ele andava desorientado, desde que a sua companheira, Jeane, falecera. No meio da bagunça, encontrei alguns papéis contendo dados meteorológicos de Orfeu. Num deles, havia uma imagem do planeta onde fora marcado um ponto quase imperceptível. Indicava uma determinada área próxima ao mar.

Era tudo.

Andei a esmo por um longo tempo, em todos os cantos, procurando por ele.

Nada.

Então, dei-me um tapa na testa. Lembrei-me do computador e fui verificar se havia alguma mensagem. De fato, ele enviara-me, utilizando uma conta que mantinha sob pseudônimo. Colocara uma senha comum entre nós.

A bem da verdade, não acrescentara muita coisa. Extravasava a sua revolta em relação a morte de Jeane, o quanto ela queixava-se da incapacidade em ter filhos e como vinha recorrendo mais e mais ao uso do indutor virtual. Meu irmão descrevera a "viagem" mais recente que ela fizera. Segundo as palavras dela: "Vejo dragões coloridos a voarem no céu. O céu é azul... Azul! E eu posso voar também. Livre. Livre!" Ele nunca fora usuário. A alergia à virtualmina era genética. Perguntava-se sobre a ascensão desenfreada da difusão do *somnia* após os dois últimos Dirigentes Supremos, Siba 00171 e Rousseau 00033, e o escandaloso episódio do comunicado

deste à MetrÓpole das Dunas. Mas havia um anexo à mensagem. Era uma espécie de sinal: coordenadas espaciais. Indicava aquela mesma região apontada na imagem de Orfeu. Não podia ser coincidência.

Sou um artista plástico.

Vivia em um mundo cor-de-rosa e fui apanhado de surpresa. Não podia ficar de braços cruzados, aguardando uma versão oficial das autoridades, o que seria o mesmo que nada. Optei por trocar os antiquados pincéis por uma vaga em uma espaçonave sem registro.

O que mais eu podia fazer?

Era o meu irmão.

É difícil explicar esse elo a quem nunca o teve e, entretanto, explica tudo.

Era o meu irmão.

Claro que, se o que eu falo sobre ir a Orfeu soa como bravata, nada poderia ser mais falso. Nunca me vi transgredindo regras ou saindo de minha zona de conforto. Por dentro, borra-me de medo. E, obviamente, eu não poderia fazer coisa alguma sozinho. Para começar, onde arranjar uma nave? Precisava de auxílio, de um piloto, de um guia.

Juntei minhas economias, vendi o que pude, incluindo as minhas melhores telas, e mergulhei no submundo meridional, os níveis profundos.

Até então, eu não fazia idéia do alcance da marginalidade. Escarafunchei seus meandros, esgueirei-me por túneis abandonados e favelas subterrâneas não mapeadas.

Procurava alguém que me levasse a Orfeu. Tarefa ingrata. Minha palidez e constituição franzina despertavam suspeitas. Muitos acreditavam que eu seria um espião dos dirigentes, um almofadinho abonado ou coisa que o

valha. Tenho várias cicatrizes das surras que levei por causa disso.

Foi nas profundezas do Nível 4... Já esteve lá? Eu não recomendo. Lá, encontrei o homem que me ajudaria.

Estava sentado no canto mais escuro de uma boate mal iluminada, quase imperceptível, apesar de seu tamanho. Era realmente enorme, um colosso. Você é grande, mas seria um anão perto dele. Os braços eram duas toras; o tronco, a coluna de um edifício. Fora um ex-minerador. Sua constituição era tão sólida quanto as rochas que arrancara da crosta por décadas.

Era um gigante ruivo.

Chamava-se Petrus.

11 - PETRUS

O homem de uniforme preto ergueu a mão, interrompendo a narrativa de Rodney 00023.

— Péra aí! "Petrus"? Que porcaria de nome é esse? Desconheço essa série. Não seria Pedro? Peter? Qual o número dele?

O jovem ergueu as mãos.

— Petrus foi o nome que ele me forneceu, sem número. só Petrus. Convenhamos, vivendo na surdina, ele não me iria dar o seu verdadeiro nome, não acha? — Apesar da timidez, o prisioneiro sentiu uma ponta de irritação. — Tampouco ele demonstrou interesse pelo meu nome ou de meu irmão. Eu é que não iria discutir. Nunca vi alguém tão grande. Se ele me agarrasse pelo pescoço, o indicador tocava o polegar! Os cabelos ruivos compridos e a gola de seu traje não me permitiam ver a tatuagem na base da nuca. Ademais, eu precisaria subir numa escada para isso. Negativo, seu

verdadeiro nome não me importava desde que me levasse a Orfeu.

— Maior do que eu você diz?

— Bem maior.

— E ruivo?

— Sim.

O carcereiro digeriu as informações como se tivessem a sua importância. Tornou a falar:

— E daí? O que aconteceu?

— Petrus era um caçador clandestino. Depois que apanhara os espécimes que podia de nosso planeta, decidiu capturar presas no planeta vizinho, onde os lucros seriam muito maiores.

— Espantoso! Nunca ouvi falar...

— Como eu disse, não fui o único a voltar de Orfeu vivo.

— Nível 4?

— Sim.

Jonas 01495 ouvira falar dos níveis inferiores. A partir do Nível 2 nenhum policial ou militar atrever-se-ia a ir desacompanhado. Teve que dar um crédito à coragem — ou estupidez — do prisioneiro.

O jovem prosseguiu:

— Em troca de uma boa soma, aceitou a contragosto levar-me junto. Sua condição era a de que não seria babá de ninguém. Faria o transporte, emprestaria o equipamento, dar-me-ia um tempo na busca e só. Outra condição era a de que, indo ele para caçar, eu deveria seguir as suas instruções e não ser uma pedra no caminho, senão...

— As leis dos subterrâneos: sem nomes, sem garantias e sem estorvos.

— Eu sabia que estava sendo irracional. Achar Vinte e Dois seria praticamente impossível. Mas era meu irmão... Meu irmão! Precisava tentar.

— Está sendo repetitivo, garoto.

— Quer ouvir a minha história ou não?

— Não fique melindrado. A tempestade mexe de fato com seus nervos, não?

E a avassaladora tormenta de areia seguia seu curso, arranhando e arranhando, faminta.

12 - CHEGADA EM ORFEU

Apesar das circunstâncias, a viagem a Orfeu foi emocionante.

Eu nunca voara em Eurídice e, muito menos, no espaço. Ver nosso planeta flutuando no nada, seu relevo, as dunas, os *canyons*, os diferentes tons, as crateras, os tornados de areia, foi magnífico, por mais que a existência em sua superfície me torturasse.

Ah, sim, tive insônia, enjôos atrozes, a comida era péssima, vomitei barbaridade. contorci-me de diarreia. Petrus xingou-me de todos os palavrões que sabia, a maioria dos quais eu sequer imaginava. Alojou-me em um container no hangar de carga, pois não estava habituado a ter companhia.

Sua nave era uma banheira velha quase caindo aos pedaços. Sem brincadeira, seu formato lembrou-me um assento de privada. Só a generosidade permitia que a chamasse assim, de nave. Era uma sucata voadora, montada de partes de outros veículos. Seus instrumentos ultrapassados estavam cobertos por uma crosta de sujeira e ferrugem. Organização não era o forte do imenso caçador. Suas tralhas esparramavam-se no espaço limitado e, na baixa gravidade, o que não estava preso flutuava em todas as direções. Se havia alguma ordem era na sua coleção

de imagens fixadas nas paredes: beldades de peitos descomunais, cintura estreita e quadris avantajados cuja maior dificuldade era a de manter os joelhos unidos.

— É meio solitário aqui — justificou.

Antes que eu fizesse uma pergunta, ele disse:

— Não dá. Meu trabalho exige concentração.

Isso era algo que uma mulher da série de prazer a bordo jamais permitiria.

Perguntei-lhe se a espaçonave tinha um nome. Riu descaradamente. Era a sigla CDF por extenso.

— Por quê?

— Vai entender até o término da viagem — explicou.

Apesar dos reveses, a visão de Orfeu crescendo dia após dia fez tudo valer a pena. Avistá-lo do topo de uma duna ou montanha de Eurídice era uma coisa, contudo, observar suas nuvens e oceanos tornarem-se maiores e mais nítidos diante de nossos olhos, toda aquela formidável extensão de água... Evocou-me um gigantesco oásis.

Era a visão mais próxima do paraíso que qualquer um de nós poderia ter.

Paraíso.

Foi o que pensei na ocasião...

... Eu estava errado.

A tampa de privada espacial descreveu uma curva e foi até o lado às escuras do planeta.

Pousamos em um platô na beira do mar. Era o cume de uma coluna de diorito tremendamente alta rodeada por picos e penhascos.

Vestimos nossos trajes espaciais seguido de um intrincado exoesqueleto por cima. Por fim, as armas, uma mochila

e um ou outro dispositivo preso à cintura.

Descemos por uma rampa. Rangia feito uma porta velha.

Embora robusto, os músculos hidráulicos do exoesqueleto faziam-me sentir leve. Não fosse por eles, jamais conseguiria carregar tudo o que levava, ao contrário do gigante ruivo, cujo porte impressionava, dando-me a impressão de que conseguiria erguer uma montanha.

Fitei o oceano absolutamente deslumbrado. Nunca imaginara tanta água reunida.

Sob a luz de Eurídice, através da linha de falésias, percebiam-se inúmeras cachoeiras. Desfaziam-se em plumas antes de tocarem as rochas mais abaixo. Devido a distância, não era possível ouvir as ondas do mar chocarem-se contra os pés dos penhascos.

Podia ficar horas ali, admirando, fazer uma pintura até. Memorizei o quanto pude.

Petrus trouxe-me à realidade.

— Vamos, fedelho. Não viemos fazer turismo.

Ele tinha razão. O meu objetivo ali era outro. Porém, ainda absorto por aquele mundo magnífico, bastou dar alguns passos e quase escorreguei em umas pedras soltas. Dois pares de braços retráteis do exoesqueleto agarraram-se às reentrâncias dos rochedos.

As pedras fizeram um longo caminho até embaixo.

— Inferno! Tome cuidado — advertiu-me Petrus. — Quer virar presunto logo no primeiro minuto?

— Não, senhor.

O caçador encarou-me.

Eu mal alcançava seus ombros.

— "Senhor"? Puta merda, falei durante toda a viagem: enfia esse "senhor" no rabo.

— Eu...

— Cale-se! Evite fazer barulho. Mil olhos atentos, moleque. Entendeu?

— Sim, sen...

— O quê?

— Entendi!

— Mil olhos, pivete! Hum, no seu caso, bastam esses "três" olhinhos infantis... por mais que o terceiro seja cego!

Ouvi sua risada gutural dentro de meu capacete.

Ele prosseguiu:

— Não sei por que aceitei te trazer. Deve ser a velhice, faz da gente idiota. Não aguenta sua mochila?

— Estou indo. Qual direção?

Os membros extras já se haviam recolhido.

Procurei parecer mais forte. Meu corpo franzino e flácido não ajudava. Tentei alongar o corpo do cansaço da viagem. Quis massagear as nádegas, mas o exoesqueleto atrapalhou. Compreendi, assim, o porquê do nome da nave. Só sendo de ferro para suportar o trajeto.

Os olhos rudes e experientes tinham razão: sentia-me desajeitado no traje, dentro do exoesqueleto e carregando toda aquelas bugigangas. Se em Petrus a vestimenta cabia justa, delineando seu tórax e a musculatura de seus bíceps, dando-lhe uma certa elegância a sua maneira grosseira de ser, em mim, era como ter vestido uma criança com roupas de adulto. Por mais empertigado que eu ficasse, no máximo, estaria entre o patético e o ridículo. Não fosse o exoesqueleto multiplicar a minha força — "força", claro, é só um modo de dizer — eu não sairia do lugar.

Ele pestanejou e apontou para uma ravina.

— Por ali.

Seguimos em frente.

Ajustei o nível de capacidade do exoesqueleto ao máximo.

Fazer silêncio, Petrus dissera, mas o traje em si já chiava um bocado.

Andei pesada e desajeitadamente a princípio como — supus — os antigos autômatos deveriam fazer antes do expurgo da Grande Revolução Cibernética. Aos poucos, peguei o jeito. Petrus diria que eu peguei no tranco.

Assim, a exploração de Orfeu teve início.

13 - MUNDO HOSTIL

Orfeu era um mundo oceânico. É difícil imaginar que exista algo assim.

A medida em que descíamos, ouvíamos o som da rebentação cada vez mais alto a ponto de tornar-se ensurdecedor. Era impulsionado pelos ventos e, principalmente, pela formidável maré de Eurídice.

Fitei nosso planeta.

Nunca o vira daquela perspectiva exceto através de imagens.

Encontrava-se a alguns graus acima do horizonte de Orfeu. Seu imenso arco amarelado, entremeado de manchas pardas brilhava intensamente no céu. Era muito forte. A exemplo de onde estávamos, também seria noite na Cidade de Areia, portanto, estava na porção às escuras. Já a Metrópole das Dunas e a Jóia do Deserto encontravam-se em seu alvorecer, a primeira mais ou menos na metade e a outra próxima a cúspide daquele arco. Tão pequenos e frágeis ali no espaço quanto grandes

eram as pretensões de seus habitantes. Deduzi que, na fase cheia, Eurídice deveria transformar a noite de Orfeu quase em dia, um "dia" de furacões e ondas gigantescas.

Para mim, era somente um outro cenário magnífico que eu jamais pintaria.

Senti uma comichão diante da voz trovejante de Petrus em meu capacete:

— Dormiu de novo, dondoca. Vê se acorda!

— Desculpe-me.

— Raios partam suas desculpas. Enfie no mesmo lugar do "senhor"... Vamos!

Vi-o saltar da borda do rochedo até outra saliência, cerca de quinze metros abaixo. O impacto foi amortecido pelo exoesqueleto. O soldado era antiderrapante e também, quando necessário, abafava os sons de nossos passos. Naquele momento, nada disso me animou.

— Só pode ser brincadeira... — murmurei.

Falei para mim próprio, sem me dar conta de que o gigante ruivo ouvira.

— Mexe a bunda daí! — veio o vozeirão.

Engoli em seco. Respirei fundo e procurei me concentrar. Não queria ouvi-lo novamente para não me distrair. Aquilo era doideira, mas eu precisava pular.

Hesitante, acionei uns comandos em meu antebraço e saltei.

Caí feito aquelas pedras.

O exoesqueleto cuidou de efetuar os cálculos referentes a distância, a força empregada, o centro de gravidade, o relevo circundante e o ponto correto de equilíbrio.

Foi quase perfeito, apesar da tremedeira em minhas pernas.

Petrus segurou-me pelo braço só por garantia.

— É isso aí, mocinha.

Vindo dele, foi um enorme elogio.

Naquele momento, não havia nuvens e o "lunar" banhava intenso o nosso caminho por entre as fissuras nos penhascos.

Mais abaixo, divisamos um rio prateado ornamentado de ambos os lados pelo que parecia ser uma densa vegetação. Como eu poderia saber sem nunca ter visto algo assim? Examinando os registros históricos remanescentes da Mãe Terra. E, do ponto em que estava, não parecia diferir das florestas tropicais do antigo planeta. Tanta vida reunida por metro quadrado era tão impressionante quanto as águas do oceano.

As garras do exoesqueleto fixaram-se no diorito. Havia, ainda, conforme mencionei, dois pares de membros artificiais. Eles nos auxiliaram, agarrando-se a quaisquer saliências do paredão. A distância, devíamos lembrar um par de aranhas.

Descemos cautelosamente.

Preso às costas, trazíamos nossos dispositivos de vôo para serem usados prudentemente. Essas parafernálias tecnológicas consumiam muito combustível.

Ao todo, o traje espacial e o exoesqueleto formavam um conjunto extraordinário.

— A CDF pode estar uma porcária — dissera Petrus durante a viagem. — Mas as vestimentas e os armamentos são de última geração.

A missão de Petrus aparentava ser tão impossível quanto a minha: capturar vivo um daqueles pesadelos ambulantes mencionados na mensagem decodificada. O que eu ignorava até conhecer meu

guia, é que havia uma radiofoto da criatura.

— Quer ver? — perguntara Petrus na inércia entre os planetas.

Minha atenção em seu rosto era constantemente desviada pelas mulheres em poses obscenas na parede ao fundo. E ele mencionara a necessidade de concentração...

Alguém, conscientemente, desejaria encarar um pesadelo?

Vira a expressão divertida no rosto do caçador, enquanto cofiava a longa barba ruiva.

Impulsivamente, eu assentira.

E ele mostrara-me sem rodeios na cabine suja e mal iluminada.

A imagem na tela era imprecisa, borrada. Eu demorara a divisar algo reconhecível. A medida em que seus detalhes foram sendo assimilados, eu os processara em meu cérebro como um quebra-cabeça sendo montado ou aqueles joguinhos infantis onde a gente unia os pontinhos para, no final, ver a figura formada. Conseguira discernir algo. Fizera-me recordar as aulas de biologia quando, ao microscópio, analisava organismos unicelulares e bactérias. Só que o "micróbio" em questão deveria ter as dimensões desta cela! Não acredita? Era uma... coisa! De fato, um pesadelo viscoso. Não me via frente a frente com aquilo.

O platô onde pousáramos situava-se em uma área próxima à informada pelo meu irmão.

Petrus pretendia resolver os dois problemas de uma vez no menor tempo possível.

Foi quando aconteceu.

Estávamos na segunda metade da descida.

Uma sucessão de bipes penetrantes soou no interior do capacete. Sua frequência variava do irritante ao desesperado. Era uma furadeira a atravessar o cérebro. Simultaneamente, diagramas e cronômetros surgiram diante de meus olhos. Inúmeros pontos piscaram. Moveram-se.

— O que é isso? — indaguei.

— O radar... Quietos!

Olhamos ao redor.

Petrus enrijeceu os braços, os antebraços e as mãos, empunhando sua arma, um modelo multifuncional.

Imitei-o.

Ele consultou a direção do movimento.

Contudo, antes de Petrus localizar, avistei o enxame no céu. Eram pequeninas luzes. Na tela diante de meus olhos surgiu a mesma imagem ampliada. Estranhei os contornos. Apontei:

— Lá!

E mergulharam sobre nós.

— Atire, moleque! — gritou o gigante.

Ajustou sua arma na opção metralhadora.

A arma possuía um silenciador hiperacústico. Uma centena de projéteis teleguiados compuseram um segundo enxame, disparando em direção às criaturas. Colidiram em uma centena de explosões azuis, clareando aquela parte do céu. Se houve barulho, não ouvimos devido às ondas do mar.

A saraivada não liquidou todos. Eles reorganizaram-se em uma nova formação.

— Como é, pentelho? — insisti Petrus em meus ouvidos. — Vai atirar ou não?

Eu vinha formando uma coleção considerável de adjetivos. Senti-me um

cretino completo. Embora ele tivesse me dado algum treinamento para eu me familiarizar com os controles do traje, do arsenal, do exoesqueleto e outros dispositivos, as informações eram demasiadas para assimilar de uma vez. A ansiedade e a pressão do momento tampouco ajudavam. Atrapalhei-me todo, demorei a encontrar a sequência correta de comandos no antebraço para ativar o armamento.

O radar prosseguiu a transmissão.

Os bipes soavam alucinados.

— Consegui! — falei, ofegante.

Disparamos no novo grupo formado por aquelas coisas voadoras.

Vieram em mergulho do lado oposto ao primeiro ataque.

Novas explosões de luzes, dessa vez mais próximas de nós.

Vários dos seres despencaram nas proximidades. Pareciam feitos de pedra porosa e expeliam névoas azuis. Eram globulares, um tanto alongados feito batatas — "batatas" do tamanho de um galão de combustível — sem nada que aparentasse ser a fonte propulsora. Uma cavidade que julguei ser a boca, deixava ver várias fileiras de espinhos ou dentes. Não localizei olhos ou membros. Podiam estar ocultos sob o corpo, camuflados, porém, não passou de suposição minha.

O radar silenciou.

Tornei a respirar. Meu coração disparara.

— Vai levar um destes? — apontei para uma das criaturas.

— Pra quê? Deixe essas porcarias ai. Não é o que eu estou procurando. Se formos pegar qualquer tranqueira em nosso caminho, precisaremos de mais uma nave. Só quero um "grotesco".

Virei-me para ele.

— "Grotesco"?

— É o apelido que dei aos pesadelos ambulantes.
 — Grotesco... — repeti.
 — Mais fácil de falar. Melhor se fosse dissílabo. Se eu conseguir apanhar um e sairmos daqui inteiros, será um golpe de sorte e tanto.
 — E meu irmão.
 — Claro, seu irmão, fedelho.
 Eu apoiava-me inteiramente em sua força e habilidade de caçador.
 A menção à "sorte" não me tranquilizou.
 Não conhecia Petrus o suficiente para saber que ele tampouco apreciava a palavra.

14 - INSTINTOS

Seguimos nosso caminho e as pedras voadoras ficaram para trás.
 Meu corpo tremia dentro do traje e eu suava horrores.
 Mal havíamos colocado os pés naquele mundo e já fomos atacados. O que mais nos aguardava?
 — O que eram aquelas coisas? — perguntei no microfone. — Como voavam?
 Petrus seguia a minha frente feito um armário, tão grande que tapava boa parte da minha visão. Achei que não tivesse escutado, atento que estava a qualquer movimento. Porém, ouvira.
 — Nunca parei pra perguntar. Lembre-se: mexeu, tá vivo; veio em sua direção, atire!
 — Sim, sen...
 — Caralho! Chame-me de Petrus.
 PE-TRUS!
 — Certo... Petrus.
 — Melhorou. Não sou cientista pra saber. E eles estão proibidos de vir.

Em passadas largas e duras, suas botas foram esmigalhando as pedras pelo caminho.

Passei a olhar desconfiado cada fragmento de rocha em que pisava e até os rochedos maiores. Afinal, embora tão próximo, Orfeu era um mundo totalmente estranho e, ao que tudo indicava, hostil.

Era incrível como, apesar dessa proximidade, sabíamos tão pouco a respeito do planeta-irmão. Os bancos de dados eram notavelmente escassos. Claro que isso, ao lado das proibições, sempre despertara suspeitas, entretanto, face as dificuldades de sobrevivência em nosso próprio mundo, era considerado uma questão menor ou, melhor ainda, uma fonte de problemas, caso procurássemos nos aprofundar.

O caçador estava habituado a esse tipo de situação, o imprevisito, a adrenalina, mas eu... Minha maior preocupação em Eurídice dizia respeito a qual cor de tinta ou pincel escolheria em minhas telas.

Fazia poucos minutos que pousáramos e já destruíramos vários nativos. Confesso que, na hora, não pensara duas vezes antes de atirar. Nenhum questionamento filosófico, nenhuma divagação ecológica, nenhum remorso. Todavia, mais tarde, interoguei-me se não seríamos nós os verdadeiros agressores e não aquelas criaturas.

Talvez seu vôo fosse uma reação natural por invadirmos seu território.

Talvez não fossem selvagens e quisessem se comunicar.

Somos animais regidos por vários instintos. Um deles, o medo, torna-nos cegos a todo e qualquer ato de condescendência. E o lado racional,

frequentemente, oferece meios para promover porções desmedidas de destruição. Demonstráramos isso.

No caso de Petrus, por mais arrogante, frio ou confiante que se mostrasse, além de uma força tremenda e coragem genuína, construíra ao longo das décadas e das agruras de sua série uma espessa couraça ao seu redor a fim de ocultar o seu medo. Medo? Um colosso daquele, pesadamente armado? Levei tempo a perceber, mas, sim, até ele, o gigante nórdico, nutria nas entranhas de sua alma tal sentimento. Não por acaso, apelidara o alvo de sua caçada de grotesco.

15 - RETROSPECTIVA

A atmosfera de Orfeu era rarefeita, mas respirável com o devido tempo para aclimação, ao menos próximo ao nível do mar, porém, por se tratar de um mundo estranho, usávamos trajes espaciais reforçados, hermeticamente selados, não deixando nenhuma parte do corpo exposta. Ligados aos capacetes, trazíamos dispositivos filtradores, leves e pouco volumosos, aproveitando, assim, o ar circundante. Só necessitamos de oxigênio extra no platô e em parte da descida, através de pequenos tanques de oxigênio semelhantes aos utilizados nas minas,

Faltava pouco para chegarmos àquilo que se assemelhava a uma floresta.

O som turbulento do rio estava mais forte, rivalizando ao da rebentação.

Saltamos até outra saliência.

Lá embaixo, o rio destacava-se sinuoso em um bilhão de reflexos de prata.

Apesar do rápido e amedrontador encontro que tivéramos, a uma passada de olhos, Orfeu era um belo planeta. Naquele momento, o oceano estava calmo e inúmeras estrelas cintilavam por entre as nuvens. Eu nunca vira tantas nuvens assim!

Mais uma vez perguntei-me do porquê de Orfeu ter sido preterido em lugar de Eurídice.

Não fazia sentido.

Só mais tarde vim a descobrir o motivo...

... E isso mudara tudo.

A humanidade tornara a Terra um lugar inabitável, forçando-se a migrar para o espaço.

Por força da necessidade, isso despertara nas astronaves, ou, pelo menos, na *Colombo*, uma neurose quase congênita em relação a preservação de recursos. Após o banimento dos autômatos, a criação das castas ou séries de maneira controlada dera forma física a essa paranóia. O irrefreável desejo de procriação e consequente destruição de recursos fora responsabilizado por todo o mal ocorrido.

Crescei-vos e multiplicai-vos!

Sempre leváramos isso ao pé da letra e até as últimas consequências.

Procriamos feito ratos e baratas. Levamos nossa peste para as demais espécies até os confins da Terra. Todas as tentativas de controle populacional haviam fracassado e, não obstante as previsíveis consequências — fome, falta de água potável, guerras e doenças —, os interesses pessoais, econômicos e políticos de curto prazo falaram mais alto.

O limiar de tolerância acabou por ser atingido, e ultrapassado.

Colombo não desejou incorrer no mesmo erro e implantou à força o seu método. Ao atingirmos este sistema solar, fomos abençoados não por um, mas dois planetas habitáveis. Colonizamos Eurídice, destruimos os autômatos, e por cento e vinte anos, as medidas de contenção tornaram-se mais flexíveis. Embriões foram cultivados, clones foram criados e até a procriação voltou a ser permitida. Como resultado, a população cresceu desordenadamente, forçando a criação de mais colônias e demonstrando a incapacidade humana de aprender com seus erros. Ante a limitada porção de água e demais recursos disponíveis no planeta, as rédeas em relação as regras de controle foram retomadas e acirradas através do Direito Intercolonial. Implantaram-se medidas drásticas: clonagem seriada, manipulação genética, esterilização obrigatória, embriões trancafiados em cofres, opositores excluídos.

Por isso, eu repito: não fazia sentido!

Naquela saliência, minhas divagações não foram tão detalhadas ou abrangentes. E acabaram interrompidas pelo vozeirão de Petrus:

— Basta! Não dá mais para prosseguirmos a pé. Teremos que usar as asas!

— Voar?

— Para isso que servem. Lembra-se das instruções?

— Acho que sim.

— Acha?! É bom enfiar esse "acha" naquele lugarzinho infantil. Sua vida depende disso!

Revisei rapidamente o manual na tela interna do capacete. Acionei a sequência de comandos. Enganei-me a princípio e fui jogado para trás, caindo

sentado. Pelo menos, não fora em direção ao precipício... Os braços retráteis recolocaram-me de pé.

Petrus irritou-se com o barulho. Impaciente, acionou seu dispositivo de vôo. Seu corpanzil exigiu o máximo do aparelho. Já no ar, era como se não pesasse coisa alguma.

— Vou naquela direção — apontou. — Siga-me. Use o radar... Fui! E ele partiu.

Apavorado, apressei-me em encontrar a sequência correta. Revisei. Acionei e, por fim, flutuei. No radar, avistei a figura minúscula que se tornara Petrus e voei o melhor que pude em sua direção.

Eu estava por minha conta e risco. Ele não era a minha babá.

16 - SONHOS E LUCROS

A tempestade, finalmente, dava sinais de diminuir do lado de fora.

— Água — pediu Rodney 00023. — Minha boca está seca.

— A torneira está atrás de você, garoto.

O vento ainda podia ser ouvido.

Trêmulo, o jovem levantou-se, sentindo as pernas dormentes. As mãos suavam. Caminhou até a minúscula pia, apoiando-se na parede. Deu uma rápida olhada pela janela.

Orfeu ressurgira difuso. E observava.

Jonas 01495 reparou na hesitação do outro. Falou:

— A oferta do *somnia* continua de pé.

O rapaz apanhou um copo descartável e tomou vários goles. A

secura na garganta era maior do que imaginara. Tornou a enchê-lo.

— Consegue viver disso? —

perguntou ao carcereiro, procurando soar casual.

— Disso o quê?

— Do repasse.

— Sim, claro. Lucro fácil e rápido

— disse o homem robusto. — Penso nele como um papel higiênico: sempre será necessário.

Rodney 00023 perguntou:

— Não pensa nos induzidos?

— Os *sonhadores*? Claro que penso! São meus clientes...

— Digo, não sente remorsos?

— Por que deveria? Não os obrigo a comprar e, muito menos, a viciarem-se. Se um cara infarta, o vendedor de cigarros ou de frituras tem culpa da gula dele?

— Se os lucros são altos, por que continua no serviço que designaram?

O corpanzil de Jonas 01495 enrijeceu.

— Por que quer saber?

Rodney 00023 amassou o copo, satisfeito de que seus dedos frágeis conseguissem fazê-lo. Encheu as mãos em concha de água e lavou o rosto. A seguir, enxugou-se na manga e retornou vagarosamente para perto das grades.

Todo o líquido escorrido pelo ralo seria futuramente reciclado.

— Só perguntando.

— Faz perguntas demais.

— Ouvi isso diversas vezes. Você quer saber de minha aventura. Mencionou os cartõezinhos e fiquei curioso. Uma mão lava a outra...

Jonas 01495 estreitou os olhos. Observou o jovem mirrado desconfiadamente. Por fim, deu de ombros e relaxou. O prisioneiro não iria

a parte alguma. Se tentasse delatá-lo, quem acreditaria?

— A grana é boa. Mas nos últimos anos, a oferta de *somnia* aumentou. Há boatos de que repassadores de Sandópolis estão se infiltrando na nossa colônia. Dizem que uma guerra entre os grandes repassadores se aproxima. Não quero saber. Vou me garantindo nos dois trabalhos enquanto der. Como carcereiro, mantenho vários contatos no presídio, informantes e fregueses. Qualquer babado, eu pulo fora.

— Entendo — disse o prisioneiro, olhando casualmente para o teto.

— Não dê com a língua nos dentes — advertiu — ou acabará sem ela.

— Aí, não poderia contar minha aventura...

— Continue. Está interessante.

— Onde é que eu estava?

— Voando.

— Sim, voando... como a companheira de meu irmão.

17 - O SAFANÃO

O zumbido áspero do dispositivo de vôo teria quebrado a quietude daquele lugar, não fosse prontamente engolido pelo troar das ondas nos rochedos e a correnteza do rio abaixo. Flutuávamos no céu orfeano como se fizessemos parte do vento. Ao longe, avistamos bandos de criaturas a planar inquietas. Não consegui definir-lhes a forma, porém, numa analogia aos arquivos da Terra, pareceram-me morcegos, contudo, dotados de dois pares a mais de patas. A exemplo das pedras voadoras, possuíam um brilho fantasmagórico emanado de seus próprios corpos e não um reflexo de Eurídice.

Eu ansiava por iniciar minhas buscas a Vinte e Dois. À visão da superfície de Orfeu e todos aqueles cenários, porém, desalentou-me. Por onde começar? Como descobrir qualquer coisa naquela selva, nas montanhas, planícies e rio? E se ele desaparecera nas profundezas do oceano? E se as florestas tragaram seus restos? E se despencara no interior de um vulcão? Já àquela altura, duvidava poder achá-lo com vida. Melhor seria confiar nos poderes adivinhatórios de uma bola de cristal do que nos instrumentos que carregava.

— Ali — apontou Petrus. — O lugar assinalado pelo seu irmão.

Fiz a imagem do mapa de Vinte e Dois destacar-se em minha tela, bem como as coordenadas espaciais. Sobrepus ambas à paisagem a nossa frente.

Era um vale amplo, sem nenhuma característica geográfica especial além do rio e alguns morros, nada que o fizesse destacar-se de tudo o mais.

Pousamos próximo à margem esquerda.

Tanta água...

... E tanto desperdício!

Imaginei canais de irrigação, uma represa a fim de fornecer energia, uma estrada fluvial, piscicultura, poder cultivar o solo fértil, pastagens, lavouras e pomares. Tantas possibilidades de saciar a sede e alimentar uma população tolhida em seu crescimento. Já vira pessoas sucumbirem pela falta de água e alimento, direta ou indiretamente. E lá, diante de meus olhos, encontrava-se a solução. Água era vida. Não por acaso, tínhamos um oceano dentro de nós.

As águas eram cristalinas e, perto da margem, vi seu fundo pedregoso.

Pus-me a imaginar quais criaturas haveria por ali.

— Terá peixes? — perguntei casualmente.

Escutei um riso curto e abafado dentro de meu capacete.

Em seguida, Petrus retirou qualquer coisa de um dos compartimentos de seu traje e atirou-a no meio da corredeira.

Não demorou para que uma turbulência surgisse ali. Abruptamente, as águas romperam-se. Duas criaturas serpentiformes do diâmetro de uma perna exibiram suas cabeças cobertas de espinhos. Possuíam fileiras de olhos negros e brilhantes. Tentáculos agitaram-se ao longo do pescoço. Engalfinharam-se e, tão repentinamente quanto apareceram, afundaram.

Tropecei para trás.

De súbito, tornaram a surgir.

Agarravam-se mutuamente em um delírio febril. Uma delas abocanhou o pescoço da outra e foi envolvida pelos tentáculos. Os seus trataram de devolver o abraço. Enroscaram-se. Naquele momento, uma coisa escura e couraçada surgiu por baixo de ambas. Era só boca, um túnel negro e faminto. Abocanhou as serpentes de uma só vez e, num borrifar barulhento d'água, desapareceu.

Eu ficara lívido.

— Satisfeito, moleque? — perguntou Petrus, divertido.

— Ba-bastante. Como sabia dessas coisas?

— Palpite de caçador.

Fitei-o, desconfiado.

— Não me pareceu surpreso...

Ele virou-se bruscamente, agarrou meus braços e levantou-me sobre o rio.

— Pare! — supliquei.

— Escute aqui, seu merdinha.

Parece dondoca: só perguntas e mais perguntas. Guarde-as para você! O que

eu sei ou deixo de saber é da minha conta. Pagou-me para te trazer aqui. Cumpri. Vá procurar seu clone e não enche o saco. Entendeu?

Hesitei, olhar preso às águas escuras.

Chacoalhou-me feito um boneco de pano.

— ENTENDEEEU?

— En-en-entendi! Por Zeus...

ENTENDI!

Colocou-me bruscamente no chão.

Cambaleei, desconjuntado. O exoesqueleto fez seu trabalho, mantendo-me em pé.

Ele acrescentou:

— Se não for devorado, retornará a seus pincéis e fará quadros para as zinhas dos dirigentes. Talvez trepe com uma delas na surdina. Quanto a mim, vi e fiz coisas que te fariam borrar nas calças. Esses bagulhos na água não são nada. Agora, mexa-se!

Apesar do susto e do medo, pensei cá comigo:

"Precisa sim de uma mulher!"

18 - MAIS SATÉLITES

Os vários monitores prosseguiam, brilhando na obscuridade.

O homem de terno marrom retornara fazia alguns minutos. Franziu a testa.

— A espelunca do desaparecido, Rodney 00022 — @52YkM374, não havia sido revirada?

— Sim, senhor, exaustivamente — respondeu aquele que manejava os instrumentos. — Seu computador foi esmiuçado, a pouca mobília esvaziada, seus contatos interrogados... Só há pouco

tivemos conhecimento da tal conta mantida sob pseudônimo.

— Conseguiu entrar nela?

— O decriptador está trabalhando nisso.

— E como deixaram passar aquela imagem de Orfeu?

— Havia inúmeras fotografias no lugar, senhor, a maioria marcada: fotos da mulher, de locais de repasse, gráficos, diagramas do clima, anotações astronômicas. Aquela foto deve ter se perdido no restante da papelada inútil.

— E quanto à lata de lixo?

— A nave do caçador?

— Sim. Por que não foi detectada?

— Certamente, utilizou uma rota neutra, distante das fábricas, como fizera o clone do prisioneiro.

Dedos tamborilaram no encosto da cadeira giratória do homem de terno cinza.

— O que seria exceção tornou-se a regra — concluiu o homem em pé. — Precisamos enviar mais satélites ao outro hemisfério.

— Necessitaríamos de centenas de satélites estacionários, em ambos os hemisférios, para uma vigília eficiente do planeta. Os custos da operação são proibitivos, senhor. E isso nem seria o pior...

— O que quer dizer?

— O sigilo, senhor, o sigilo. Seria impossível manter segredo sobre algo de tamanha envergadura.

— Um segredo maior está em jogo! E quanto a desviar alguns dos satélites já existentes?

— Respeitosamente, senhor, deslocar parte deles comprometeria a guarda das atividades em terra.

O homem de terno marrom quis explodir. Seu subordinado era

competente, contudo, em certos momentos, desejaria quebrar-lhe o pescoço. Caminhou até uma poltrona e sentou-se. Apanhou algo de dentro de sua carteira, memorizou o código e pôs na boca. Imediatamente sentiu o gosto de *tutti frutti*. Suspirou. Inseriu o código no campo que apareceu diante dos olhos da mente. A euforia esparramou-se através de seu córtex e percorreu o sistema nervoso feito fogo em palha seca. Fechou os olhos. Não demorou e viu-se num palanque diante do qual milhares de pessoas ovacionavam-no, adorando-o qual a um deus grego. A tensão desapareceu de seu corpo. Suspirou outra vez. E a viagem prosseguiu.

Prudentemente, o homem de terno cinza, ao ouvir o corpanzil de seu superior acomodar-se, manteve a boca fechada. O leve odor de capim-limão confirmou o que pensara.

O consumo vinha aumentando.

Passado algum tempo, o homem de terno marrom ergueu as pálpebras, revigorado. Quando as visões desapareceram de vez, ergueu-se.

— Mandé fazer uma nova revista — disse tranquilo. — Assegure-se que, dessa vez, retirem tudo de lá até a menor arruela. Se houve algo de inútil relacionado àquele lugar, não foi a papelada no chão, mas uma investigação mal feita.

— Mas, senhor, o diretor irá questionar. É incumbência dele...

O homem de pé colocou uma das mãos sobre o ombro do outro. Era pesada e firme.

— E o diretor é a *sua* incumbência. Fez a investigação sobre ele?

— Está em andamento, senhor.

— Bom. Encaminhe-me tudo tão logo conclua. Assim que obtiver o tal mapa, desloque dois de nossos satélites. Posicione-os de tal modo que os radares cubram a maior extensão possível da superfície de Orfeu ao redor do ponto assinalado, bem como na direção oposta, o espaço adjacente. Compreendeu?

O homem sentado, de terno cinza, vacilou um instante. E se o mapa não estivesse mais lá? Prudente, acabou engolindo suas palavras. Disse apenas:

— Sim, senhor.

— Ótimo. Cumpra.

Enquanto o outro fazia uma ligação, o homem de pé caminhou em direção a uma mesinha perto da poltrona. Apanhou o bule de café. Um luxo bastante caro. Serviu-se.

"Amargo para clarear a mente", refletiu.

Enquanto sorvia o líquido negro, resmungou entre os dentes:

— Tudo por causa de uma vagabunda...

19 - A TRILHA

Eu nunca vira uma floresta na vida. Quem vira?

Ah, sim, temos as hortas e os pomares em estufas. As suculentas adaptaram-se livremente ao solo de Eurídice e têm sido utilizadas há séculos como depósitos vivos de água nas áreas mais protegidas contra as tempestades. Arbustos e árvores têm sido geneticamente alterados e selecionados para adaptarem-se ao solo árido e a menor quantidade de luz nos subterrâneos. Pratófitas nativas, capazes de sobreviver nas imensidões do deserto,

são igualmente estudadas e modificadas para atender ao consumo humano.

Mas jamais conheci a abundância de uma selva ou floresta. No máximo, um pequeno oásis.

Não estava preparado para aquilo.

A mata era densa e, de modo algum, encorajava alguém a penetrá-la.

A bem da verdade, creio ser "floresta" ou "selva" somente termos que descreviam tudo aquilo superficialmente, na falta de outro melhor.

Eu não entendo nada de botânica, todavia, aquelas "árvores" e "arbustos" diferenciavam de qualquer coisa que eu já vira. Nem sei ao certo se poderiam ser chamados de vegetais.

— Por Zeus! — gritei.

— Quietos!

Sim, levei um susto tremendo, tão logo percebi.

Para começar, tais "plantas" possuíam movimento próprio qual os animais, limitadas apenas por estarem presas ao solo. Sim, eu sei de nossas plantas carnívoras e das dormideiras, porém, nenhuma dioneia movia-se daquele modo, com desenvoltura e conforme a própria vontade, independente de um gatilho para isso. Algumas formas, menores, eram formas livres do solo. Observei uma planta semelhante a uma aranha com asas mergulhar sobre outra que era uma bola espinhuda e envolvê-la completamente em uma substância grudenta. A presa soltou um gemido estridente e morreu depois de ser ferroadada. Nunca soube de vegetação alguma capaz de emitir som, quicá gemer. Foi perturbador.

A partir do episódio das serpentes aquáticas, passei a desconfiar que não era a primeira vez que o gigante ruivo visitara aquela região. Ele demonstrava

saber exatamente para aonde ir. Evitava os terrenos mais perigosos, indicava-me onde me apoiar ou pisar, onde não segurar e chegou a instruir-me sobre quais criaturas alvejar e quais evitar. Quis indagar-lhe como isso era possível. Por que exatamente ali? O que haveria de tão especial? As palavras brotaram em minha língua, todavia, forcei-as a continuar dentro da boca. Não queria irritá-lo mais. Não por enquanto. Eu já sentia medo e raiva o suficiente.

Após virarmos uma curva do rio, ouvi sua respiração.

— Por ali — indicou.

Logo após a curva, avistei um trecho limpo cortando a selva, mergulhando fundo em seu interior.

Uma trilha!

Não havia outra denominação que eu pudesse dar.

Uma trilha.

Um caminho intencionalmente aberto no meio da floresta.

Sua largura tinha uma média de dez ou quinze metros e era bastante comprida. Não consegui ver o fim. Dava a impressão de ter sido feita por um trator de tal modo era regular. O solo estava coberto por restos vegetais deteriorados e uma substância marrom, um muco pegajoso que julguei tratar-se de uma mistura de seivas e umidade do solo.

A pergunta óbvia — e silenciosa — seria: quem?

A voz do brutamontes ecoou neutra em meu capacete:

— Vamos.

Um calafrio subiu pela minha coluna quando Petrus deu os primeiros passos por aquele caminho.

Do solado antiderrapante até metade do cano das botas, seus pés

afundaram no terreno pantanoso. Fizeram um ruído macabro, misto de sucção e de ossos sendo partidos.

Engoli em seco.

Ele reparou na expressão de meu rosto.

— Mexe o traseiro — mandou. — Não há perigo.

— Tem certeza? — perguntei sem conseguir evitar.

— Se eu não tivesse, você iria na frente. Mantenha-se no meio do caminho. Não chegue perto das margens. Certo?

— Certo.

— Algumas dessas samambaias podem estrangulá-lo. Cautela onde pisa. Lembre-se dos três olhinhos infantis... Atire em tudo que rastejar na sua direção. Vamos!

— Sim, *senhor*.

Ele voltou-se.

Arriscando-me a uma bordoadada, dessa vez, eu dissera o "senhor" só de pirraça.

Ele pretendeu retrucar algo. Farto, esperei um novo safanão, porém, ele soltou uma gargalhada.

— Esse é o espírito, pivete! Cagar de medo alivia, mas não nos tornará homens. Agora, mijar na cara do próprio medo, isso sim vale alguma coisa.

Não consegui deixar de sorrir ante sua peculiar filosofia. Eu deveria montar um compêndio de suas frases. A contragosto, uma parte de mim teve de admitir: começava a nutrir uma admiração odiosa por aquele tipo embrutecido.

Dei o primeiro passo.

Como descrever?

Imagine-se pisando em um cadáver. Não que eu já tivesse feito algo assim! A imaginação da gente podia ser

um inferno. Essa impressão era reforçada diante do comportamento das plantas, semelhante ao de animais. Ou seriam animais comportando-se como plantas? Quis levar a mão à boca, porém, fui impedido pelo capacete. Forcei a bile a dar meia volta.

Através do filtro do capacete, senti um odor nauseabundo vindo da massa repugnante. Lembrou-me alimento estragado, esquecido numa panela em uma semana quente. Prendi a respiração. No controle do antebraço, busquei as instruções. Elas surgiram na tela interna do capacete. Fiz o ajuste informado e liguei no filtro o bloqueador de cheiro. Inspirei devagar... Funcionou. Foi um alívio!

A tela do capacete recolhia dados sem cessar, transmitia-os também. Um deles disse-me que a temperatura de certos vegetais — aqueles que mais se contorciam — era acima da temperatura ambiente.

"'Seiva' quente", pensei. "Ou sangue?"

Não havia uma distinção clara entre vegetal e animal.

Era uma floresta quente, densa, pulsante e gosmenta, muito diferente do platô despido onde havíamos pousado. Imerso no lodo, senti falta daquele lugar lá no alto, feito de rochas nuas e paredes. No platô, os ventos marítimos castigavam o diorito permanentemente. E havia a ação esporádica da chuva. Sim... Chuva! Ali, na floresta, em todo lugar. Água do céu. Acredita nisso? Água vinda do céu... A prova de que, apesar de qualquer coisa, milagres existiam.

— Mais depressa! — rosou Petrus.

Sua arma era a extensão de seus membros, tão familiar a ele quanto os

próprios dedos. Olhava cautelosamente os arredores, vigilante, atento aos movimentos, sons e odores da floresta. Sim, os sons. A princípio, pouco perceptíveis por causa da corredeira do rio. Entretanto, a medida em que nos afastávamos das águas, o burburinho da mata sobressaía-se. Era um murmúrio incessante, entrecortado por ganidos, chiados ou outra cacofonia qualquer. Resumindo: apavorante.

O sentimento era o de um milhão de olhos nos espionando da escuridão.

Agilizei meus passos. Procurei ignorar os estalar de ossos e o gargarejo do lodaçal... Impossível.

" Mijar na cara do próprio medo"?

— Lembra uma estrada... — falei sem pensar.

— É...

— Como se um rolo compressor passasse por aqui.

Após uma pausa, escutei o vozeirão de Petrus:

— Quase isso.

Sussurrara de um modo nada tranquilizador.

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 77 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 37 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com